



UNIVERSITÀ
DEGLI STUDI
DI PADOVA

Università degli Studi di Padova

Dipartimento di Studi Linguistici e Letterari

Corso di Laurea Triennale Interclasse in
Lingue, Letterature e Mediazione culturale (LTLLM)
Classe LT-12

Tesina di Laurea

La Grecia della solidarietà. Una analisi delle pratiche solidali con i richiedenti asilo

Relatrice
Prof.ssa Donatella Schmidt
Correlatrice
Prof.ssa Barbara Gori

Laureanda
Greta Ferin
n° matr.2003288/ LTLLM

Anno Accademico 2023 / 2024

“Siamo tutti esseri umani”

La Luna di Vasilika

INDICE

INTRODUÇÃO	1
INTRODUZIONE.....	5
CAPITOLO I: INTRODUZIONE AL FENOMENO MIGRATORIO IN GRECIA.....	9
<i>Premessa</i>	9
<i>La rotta balcanica</i>	10
<i>Verso la Grecia</i>	11
<i>Il modello d'accoglienza ufficiale</i>	13
CAPITOLO II: IL CAMPO E IL METODO	19
<i>Premessa</i>	19
<i>Campo d'accoglienza di Corinto</i>	19
<i>Metodo e lavoro di ricerca sul campo</i>	24
<i>La Luna di Vasilika Onlus</i>	25
<i>Cheirapsies</i>	29
CAPITOLO III: LA SFIDA DELLA SOLIDARIETÁ.....	35
<i>Premessa</i>	35
<i>Le sfaccettature della solidarietà</i>	35
<i>La solidarietà autonoma: Il caso degli squats a Atene</i>	39
<i>Il volontariato come forma di solidarietà</i>	42
<i>Tra solidarietà e diffidenza</i>	46
<i>Osservazioni critiche</i>	49
REFLEXÕES FINAIS	55
RIFLESSIONI CONCLUSIVE.....	59
APPENDICE.....	63
BIBLIOGRAFIA.....	65
SITOGRAFIA	67
RINGRAZIAMENTI	69

INTRODUÇÃO

Como o título e o subtítulo sugerem, o tema escolhido para a minha dissertação é a solidariedade. Em particular, centrar-me-ei na análise de algumas práticas de solidariedade relativamente aos requerentes de asilo na Grécia. A escolha do lugar é particularmente relevante por duas razões principais: há muitos anos a Grécia é, lembre-se a ‘crise migratória’ do ano 2015, um país que recebe um número muito grande de migrantes que atravessam as suas fronteiras para entrar na Europa e pedir a proteção internacional. Além disso, na Grécia está a cidade de Corinto: famosa pelo seu canal e pela beleza da sua antiga acrópole, mas que foi também recentemente conhecida pelos especialistas da matéria por ter um grande e peculiar campo de acolhimento de migrantes. A fim de realizar um estágio curricular, fui a Corinto por três semanas em dezembro do ano 2023 para colaborar com uma organização não governamental (ONG) italiana chamada ‘La Luna di Vasilika Onlus’ que trabalha principalmente para suportar os requerentes de asilo. Além disso, decidi, com o apoio da Professora Schmidt, tirar proveito da oportunidade e analisar esse contexto mais profundamente através duma breve pesquisa de campo, a fim de obter informações úteis para a redação de uma dissertação parcialmente experimental. Só parcialmente, porque o que eu observei e analisei foi em seguida enriquecido por uma pesquisa bibliográfica, que me ajudou a comparar a minha experiência de campo com os estudos realizados por outros profissionais, os quais me orientaram na escolha dos assuntos interessantes para tratar no meu trabalho e na reformulação das informações recolhidas. Foi também de grande importância a colaboração com os coordenadores dos projectos na Grécia, dos quais falarei mais detalhadamente no capítulo II. Eles concederam-me algumas entrevistas que se revelaram esclarecedoras, e com todas as pessoas com quem dialoguei e interagi durante as minhas semanas na Grécia ou mesmo depois do meu regresso na Itália, porque, inconsciente ou conscientemente, me inspiraram e me ajudaram a gerar reflexões que a gente pode ler nas páginas seguintes.

A escolha do tipo de dissertação e do assunto geral a tratar, ou seja as migrações, surgiu como consequência natural de um interesse e de uma sensibilidade que se desenvolveram durante a minha formação universitária; em particular, depois da frequência dos cursos

de etnologia e de antropologia cultural. Além disso, eu comecei também a me documentar em privado sobre este fenómeno.

Um tema que, em alguns aspectos, se distancia do percurso ‘clássico’ oferecido pelo curso de estudo que escolhi, mas que considero igualmente coerente com o que aprendi, porque entre as coisas que me foram ensinadas durante este percurso académico e que eu interiorizei particularmente, há, sem dúvida, a consciência de que estudar as línguas estrangeiras significa ter a possibilidade de encontrar e interagir com aquelas pessoas que poderíamos definir ‘diferentes’; a possibilidade de entrar numa ligação mais profunda que o usual, devida ao falar de uma língua comum e de ser capaz de captar as *nuances* de sentido que também levam significados mais profundos que não se poderiam captar com a ajuda de uma língua franca. Portanto tentei lembrar estes conceitos mesmo durante a minha experiência na Grécia. Em particular, o português foi um importante meio de comunicação, porque tinham alguns requerentes de asilo de origem africana com os quais a única possibilidade de comunicação era esta língua e ninguém a falava além de mim. Relativamente ao alemão eu tive a oportunidade de transmitir os meus conhecimentos àqueles que se aproximavam pela primeira vez a esta bela e temida língua, esperando de utiliza-lá quando eles chegassem à tão sonhada Alemanha.

Mas voltando à dissertação, a escolha do assunto específico da solidariedade resultou da análise das impressões e informações recolhidas no campo, todas reunidas num pequeno caderno que eu preenchia todas as noites depois do trabalho na Grécia. Entre as palavras utilizadas, o termo ‘solidariedade’ era frequente, por isso comecei orientar a minha pesquisa bibliográfica nesta direção, descobrindo que o assunto era já fonte de interesse por outros pesquisadores e debatido de um ponto de vista multidisciplinar. Pensei então que a minha experiência direta poderia ter sido uma pequena peça para acrescentar a este enquadramento.

O objetivo do meu trabalho foi analisar o conceito da solidariedade a partir das acções em relação aos requerentes de asilo, tanto no passado, por exemplo com a ajuda da importante investigação de Rozakou, ou compreendendo como a solidariedade foi vivida no momento difícil da ‘crise migratória’ do ano 2015; quanto no presente, analisando especificamente o fenómeno de *squatting* em Atenas e o projeto do qual foi um membro. A minha vontade foi mesmo aquela de destacar o segmento da população civil grega e internacional e os actores ‘humanitários’ que, apesar das dificuldades e das limitações

intrínsecas à abordagem delas ou impostas por alguns factores exteriores, tentam opor-se à lógica da discriminação e da exclusão dos migrantes. Uma tendência que infelizmente é muito frequente no nosso mundo contemporâneo, por causa de um conhecimento superficial do fenómeno migratório e do medo da diversidade. Além de mais, essa é alimentada por uma má comunicação sobre quem é realmente uma pessoa migrante.

A estrutura da dissertação segue uma progressão do geral ao particular: em primeiro lugar, eu apresento um enquadramento do fluxo migratório para a Grécia e do método de acolhimento concebido pelo governo grego.

O segundo capítulo trata do contexto de Corinto, em particular do seu campo de acolhimento e da minha experiência de investigação, oferecendo também uma perspectiva sobre o trabalho da ‘Luna di Vasilika’ e do projeto *Cheirapsies*, do qual fiz parte.

O terceiro capítulo visa explorar o tema da solidariedade a partir das reflexões retiradas de outros pesquisadores e do estudo de caso de dois *squats* em Atenas. Pelo contrário, outras reflexões sobre a solidariedade são o resultado do meu trabalho de campo e respondem à pergunta: “Que forma toma o conceito de solidariedade com os requerentes de asilo no contexto do projeto *Cheirapsies*?”

Por fim, outras reflexões sobre o conceito de solidariedade concluem a minha tese.

INTRODUZIONE

Come suggeriscono il titolo e il sottotitolo, il tema scelto per la mia tesi è la solidarietà. In particolare mi concentrerò nell'analisi di alcune pratiche solidali messe in atto con i richiedenti asilo in Grecia. La scelta del luogo è particolarmente rilevante per due ragioni principali: la Grecia è da anni, basti ricordare la "crisi migratoria" del 2015, un paese che accoglie un numero massiccio di migranti che varcano i suoi confini al fine di entrare in Europa e fare richiesta di protezione internazionale. Inoltre ivi sorge la città di Corinto: famosissima per il suo canale e le bellezze dell'acropoli antica, ma recentemente diventata nota agli esperti del settore, anche perché ospita un grande e peculiare campo di accoglienza per migranti.

Allo scopo di effettuare un tirocinio curriculare, a dicembre 2023 mi sono recata per tre settimane a Corinto per collaborare con una ONG italiana, La Luna di Vasilika Onlus, che opera soprattutto a sostegno dei richiedenti asilo. Inoltre ho deciso, sostenuta dalla professoressa Schmidt, di cogliere l'occasione per analizzare più in profondità quel contesto tramite una breve ricerca sul campo e ricavare così delle informazioni utili alla stesura di una tesi triennale a tratti sperimentale. Solo a tratti, perché quanto osservato e analizzato è stato successivamente arricchito da una ricerca bibliografica, che mi ha portato a comparare l'esperienza vissuta direttamente sul campo con le ricerche effettuate da altri professionisti, i cui studi mi hanno orientata nella scelta dei punti di interesse da trattare nell'elaborato e nella rielaborazione delle informazioni raccolte. Di grande importanza è stata inoltre la collaborazione con i coordinatori dei progetti in Grecia, di cui parlerò più nello specifico nel capitolo II, i quali mi hanno concesso delle interviste che si sono rivelate illuminanti. Sono stati importanti per me anche tutti coloro con cui ho dialogato e interagito durante le mie settimane di permanenza in Grecia e dopo il mio ritorno perché, inconsapevolmente o consapevolmente, mi hanno ispirata e aiutata a generare delle riflessioni presenti nelle prossime pagine.

La scelta della tipologia di tesi e dell'ambito generale su cui indirizzarla, ovvero quello delle migrazioni, è avvenuta come conseguenza naturale a un interesse e a una sensibilità che si sono sviluppati nel corso della mia formazione universitaria, in particolare frequentando i corsi di etnologia e di antropologia culturale e iniziando a documentarmi per mio

conto riguardo tale fenomeno. Il tema delle migrazioni per certi versi si discosta dal percorso 'classico' offerto dal corso di studi da me scelto, ma che trovo comunque coerente con quanto appreso perché, tra le cose che mi sono state insegnate durante questo percorso e da me interiorizzate, c'è sicuramente la consapevolezza che studiare lingue straniere significa possibilità di incontro e di interazione con l'alterità; significa inoltre la possibilità di entrare in una connessione più profonda con l' 'altro', proprio per il fatto di parlare la sua lingua e per saper cogliere quelle sfumature di senso portatrici anche di significati più profondi. Ho cercato quindi di tenere a mente questi insegnamenti anche durante l'esperienza in Grecia. In particolare il portoghese è stato un importante mezzo di comunicazione in quanto c'erano alcuni richiedenti asilo provenienti da ex-colonie portoghesi, con i quali l'unica possibilità di comunicazione ricadeva proprio su questo idioma e nessun'altro volontario o volontaria lo parlava oltre a me. Per quanto riguarda il tedesco invece, ho avuto la possibilità di trasmettere la mia conoscenza a coloro che si avvicinavano per la prima volta a questa bella, quanto temuta lingua, con la speranza di poterla utilizzare una volta giunti nella tanto sognata Germania.

Ritornando però alla tesi in sé, la scelta del tema della solidarietà è sorta dall'analisi delle impressioni e informazioni raccolte sul campo, tutte contenute in un quadernetto che compilavo ogni sera dopo il lavoro. Tra le parole utilizzate ricorreva spesso il termine 'solidarietà', quindi ho provato a dirigere la mia ricerca bibliografica in tale direzione, scoprendo che il tema era stato già fonte di interesse di altri ricercatori e dibattuto da un punto di vista multidisciplinare. Ho pensato quindi che la mia esperienza diretta potesse essere un ulteriore tassello da aggiungere a questo panorama.

L'obiettivo principale del mio elaborato è quello di analizzare il concetto di solidarietà a partire dalle azioni concrete messe in atto nei confronti dei richiedenti asilo sia in un recente passato, - ad esempio tramite l'ausilio delle importanti ricerche della Rozakou o evidenziando come è stata vissuta la solidarietà nel difficile momento della cosiddetta 'crisi migratoria' del 2015 -, ma anche nel presente analizzando il fenomeno dello *squatting* ad Atene e il progetto di cui ho fatto parte. La volontà è anche quella di mettere in luce quella fetta della popolazione civile greca e internazionale e quegli attori 'umanitari' che, nonostante le difficoltà e i limiti imposti dall'esterno, tentano di opporsi alla logica della discriminazione e dell'esclusione nei confronti delle persone migranti. Questa ten-

denza prevalente nella nostra contemporaneità è frutto di una conoscenza troppo superficiale del fenomeno migratorio e della paura nei confronti della diversità, alimentata da una comunicazione sbagliata riguardo a chi effettivamente è una persona migrante.

La struttura della tesi prevede un andamento dal generale al particolare: innanzitutto ho fornito un quadro generale del flusso migratorio verso la Grecia e le conseguenti modalità di accoglienza ufficiali ideate dal governo greco.

Il focus si restringe poi nel secondo capitolo, che tratta del contesto di Corinto, in particolare del suo campo profughi e della mia esperienza sul campo, offrendo una prospettiva sull'operato della Luna di Vasilika e sul progetto *Cheirapsies* di cui ho fatto parte.

Il terzo capitolo mira ad approfondire il tema della solidarietà a partire da riflessioni ricavate da altri ricercatori e dal caso studio di due *squats* di Atene. Altre considerazioni sulla solidarietà sono invece frutto del mio lavoro sul campo e rispondono alla domanda: “Che declinazioni assume il concetto di solidarietà con i richiedenti asilo nel contesto del progetto *Cheirapsies*?”

Infine ulteriori riflessioni sul concetto di solidarietà concluderanno la mia tesi.

CAPITOLO I: INTRODUZIONE AL FENOMENO MIGRATORIO IN GRECIA

Premessa

Negli ultimi anni i notiziari, i *social media*, i giornali hanno parlato in diverse occasioni del fenomeno migratorio: masse di persone che dal Sud del mondo cercano di varcare i confini della tanto sognata Europa percorrendo quelle che vengono definite ‘rotte’. Eventi che in modo positivo o negativo toccano la sensibilità di noi cittadini europei e che hanno portato all’introduzione della parola migrazione nel nostro vocabolario quotidiano. Vari sono i paesi di partenza e molteplici le ragioni che spingono i migranti a mettersi in movimento per affrontare questi percorsi ricchi di ostacoli e pericoli. L’obiettivo però è comune: riuscire a fare domanda d’asilo in Europa, al fine di potervi stanziare e avere una prospettiva di vita migliore, rispetto alle condizioni sperimentate nel paese di provenienza. “La caratteristica delle rotte è il movimento, sono tracciati direzionali in cui si muovono persone e merci attraversando confini geografici e politici” (Schmidt, 2022). In particolare si possono individuare quattro rotte principali: del Mediterraneo centrale¹, del Mediterraneo occidentale², la rotta atlantica³ e la rotta balcanica. Proprio di quest’ultima tratterà nello specifico questo primo capitolo, al fine di offrire una visione complessiva di quanto sperimentato dai richiedenti asilo incontrati e conosciuti durante la mia ricerca sul campo a Corinto. Una riflessione che dal contesto generale della rotta balcanica passa poi alla specificità dell’ambito greco.

¹ Interessa persone che provengono principalmente dall’Africa settentrionale e subsahariana e utilizzano il Mediterraneo come via per raggiungere l’Italia o Malta.

² Intrapresa da coloro che partono da regioni dell’Africa occidentale al fine di raggiungere Ceuta e Melilla (città autonome spagnole).

³ Le persone salpano da vari porti lungo la costa africana, come Gambia, Senegal, Mauritania (...), per poter raggiungere le isole Canarie. Schmidt, D. (2022) *Narrazioni tra agency mobilità e dono. Oltre il tempo dell’attesa dei rifugiati alla ‘periferia di Roma’*. Padova: Cleup sc.

La rotta balcanica

Si definisce come rotta balcanica quel percorso, intrapreso principalmente da afgani, siriani e iracheni, ma più in generale da persone medio-orientali, che parte dal confine greco-turco (identificabile con le isole greche di Lesvos e Samos o con la regione del fiume Evros) e arriva fino a Trieste (Schmidt, 2022). Una rotta che attraversa i confini degli stati della penisola balcanica quali: Grecia, Macedonia, Serbia, Ungheria, Croazia e Slovenia e che deve fare i conti con la tendenza dei rispettivi governi a chiudere il più possibile le proprie frontiere per limitare il transito di migranti. Di conseguenza quest'ultimi sono stati costretti a trovare vie alternative per riuscire ad entrare nei paesi da essi desiderati come: Belgio, Germania, Austria, Paesi Bassi. Nuovi percorsi che comprendono l'attraversamento anche di nuovi stati come: Bosnia ed Erzegovina, Bielorussia, Polonia e Lituania⁴.

'The game' è invece la parola che i volontari della Luna di Vasilika e i richiedenti asilo utilizzavano per riferirsi a tale percorso. In questo caso però il gioco non è sinonimo di divertimento, ma piuttosto di azzardo, fortuna. Ci si gioca la libertà, la salute, la vita, nell'ultimo e disperato tentativo di giungere in un paese europeo che possa accogliere e offrire delle condizioni di vita accettabili e dignitose.

Forse a questo punto la domanda sorge spontanea: "Ma contro chi si gioca?". La risposta è: "Contro l'Unione Europea", perché i suoi singoli stati hanno la libertà di edificare sempre più muri e rendere i propri confini invalicabili al fine di limitare il passaggio dei migranti; mettendoli sempre più a rischio, a causa di: condizioni igieniche pessime, della mancanza di cibo e acqua potabile, delle condizioni climatiche avverse e vittime di *push-backs*⁵ illegali programmati da alcuni governi⁶. Come menzionato in precedenza però, la caratteristica delle rotte è proprio il movimento; quindi hanno: "Una forza propulsiva che può essere contenuta da tali frontiere, ma non trattenuta dalla costante ricerca di nuovi

⁴ Vedi Schmidt, D. (2022). *Narrazioni tra agency mobilità e dono. Oltre il tempo dell'attesa dei rifugiati alla 'periferia' di Roma*. Padova: Cleup sc.

⁵ "Pratiche coercitive attuate dalle autorità pubbliche contro gli stranieri che tentano di entrare nel territorio di uno stato senza aver prima ottenuto il permesso. In altri casi, queste pratiche coinvolgono l'invio in un altro stato (di solito limitrofo) di persone che sono già entrate in un determinato paese" Balcani, R. a. (2020). "The Balkan Route". In *Balkans dossier*.

⁶ Vedi <https://www.rivoltiaibalcani.org/news-e-materiali/>; in particolare il dossier "La rotta balcanica. I migranti senza diritti nel cuore d'Europa".

varchi, di nuove possibilità di passaggio” (Schmidt, 2022). In sostanza le barriere e le condizioni estreme non hanno la capacità di fermare questo flusso, perché ciò che spinge questi esseri umani a spostarsi è più forte della dinamica del terrore attuata dagli stati europei; tornare nei paesi di provenienza non è un’opzione per le persone in movimento.

Verso la Grecia

La Grecia, per la sua posizione geografica, è uno dei primi paesi di approdo dove poter fare domanda d’asilo in UE nella quale confluiscono migranti partiti principalmente dal Medio Oriente e dall’Africa orientale ivi giunti passando per la Turchia.

I dati dell’UNHCR (Agenzia Onu per i rifugiati) mostrano che gli arrivi totali di richiedenti asilo in Grecia da gennaio al 14 aprile dell’anno in corso sono stati 11,889: principalmente uomini, seguiti da bambini e donne. Le possibilità di un migrante per poter oltrepassare la frontiera greca sono essenzialmente due: via mare, modalità intrapresa dalla maggior parte dei migranti (10,609 del totale sopra riportato), o via terra.

Nel primo caso si tratta di piccole barche provenienti dalle coste della Turchia che cercano di arrivare alle sponde delle isole del Dodecaneso (Kos e Leros) o in quelle delle isole dell’Egeo(Lesvos, Samos e Chios) (Schmidt, 2022). Se ad esempio si consultano i dati forniti dall’UNHCR e si considerano gli arrivi dall’11 marzo 2024 al 14 aprile 2024 nelle isole dell’Egeo; si noterà una panoramica altalenante del numero degli arrivi, con aumenti e diminuzioni settimanali, ma senza mai cessare. Il picco si riscontra la settimana dall’1 al 7 aprile 2024 con 684 arrivi, mentre il numero più basso è stato registrato dal 25 al 31 marzo con 333 arrivi. Sempre con valutazione risalente fino al 14 aprile 2024 i migranti presenti nelle isole egee comprendono il: 43% di afgani, il 26% di siriani, il 5% di sierraleonesi e palestinesi; seguiti poi da altre nazionalità, per un totale di 9,833 persone. In alternativa, l’arrivo in Grecia è possibile attraversando il fiume Evros dalla Turchia. Le cifre presentate dall’UNHCR in questo caso sono però molto differenti dalle precedenti: 1,280 persone da inizio anno fino al 14 aprile 2024; arrivi meno frequenti dovuti alla chiusura, che negli anni è stata sempre più rafforzata, del confine con la Turchia e che al giorno d’oggi vede un vero e proprio muro dotato di sistemi di sorveglianza avanzati della lunghezza di 40km, ma che, come dichiarato dal governo greco, vuole essere implementato fino a 140 km (Ansamed, 2023). La traversata dell’Evros inoltre presenta

una difficoltà elevata: “Un fiume largo, apparentemente tranquillo che però cela una corrente ingannevolmente forte e difficile da gestire anche per un nuotatore esperto” come racconta Pavidlis, che da anni si occupa di esaminare ed identificare i cadaveri riaffiorati dall’Evros (<https://www.thenewhumanitarian.org/>).

La panoramica recente dei flussi migratori in entrata in Grecia mostra numeri certamente importanti, ma non equiparabili a quelli dell’anno 2015, definito dall’opinione pubblica come l’anno dell’ ‘emergenza rifugiati’; in cui l’UNHCR registrò da gennaio al 17 novembre 2015 l’arrivo di 689,686⁷ migranti principalmente siriani che decisero di intraprendere la rotta balcanica per poter giungere in Germania, dove la cancelliera Angela Merkel dichiarò di essere pronta ad accoglierli. Bisogna anche sottolineare che “La crisi migratoria colpiva la Grecia in un momento particolarmente delicato perché il paese viveva un’altra crisi, economica e di relazione con la UE. La Grecia riteneva che i profughi fossero di passaggio(...), invece si vedeva chiudere le frontiere con la repubblica di Macedonia e nascere il grande campo informale di Idomeni⁸” (Schmidt, 2022).

Negli anni successivi, come risposta a questo flusso migratorio molto intenso e per prevenire il ripetersi di tali numeri, l’UE ha messo in campo delle strategie di esternalizzazione delle frontiere. I governi della penisola balcanica iniziarono a pianificare la costruzione di barriere imponenti lungo le proprie frontiere nel tentativo di ostacolare il passaggio di migranti; inoltre nel 2016 l’UE siglò un accordo con la Turchia al fine di impedire l’arrivo di profughi nelle isole greche e nel 2020 implementò il budget di Frontex⁹ di cui una parte venne destinata al respingimento o deportazione di migranti in territori esterni all’UE (Bonapace, 2022). Come si può quindi comprendere dallo scorrere di questo sotto capitolo, non è un caso che nel 2024 i numeri di migranti in ingresso in Grecia siano notevolmente diminuiti rispetto al 2015, ma è dovuto anche alle dure politiche di limitazione degli arrivi messe in atto dall’Unione Europea e dalla Grecia stessa. Anni anche in cui si è passati “dal considerare i profughi come persone da difendere, a trattarli come

⁷ Per poter effettuare una comparazione: in tutto il 2023 l’UNHCR ha registrato in Grecia l’arrivo di 48,721 migranti.

⁸ Un piccolo villaggio sul confine greco-macedone, dove, tra la fine del 2015 e l’inizio 2016, più di diecimila persone migranti che percorrevano la rotta balcanica, si trovarono bloccate dalle nuove misure europee di chiusura dei confini (<https://www.onebridgeto.com/about>).

⁹ “Frontex, the European Border and Coast Guard Agency, supports EU Member States and Schengen-associated countries in the management of the EU’s external borders and the fight against cross-border crime” (<https://www.frontex.europa.eu/>).

nemici da cui difendersi, in una degenerazione progressiva del diritto d'asilo" (Demaio, 2022).

Il modello d'accoglienza ufficiale

Nei sotto capitoli precedenti è stata presentata un'inquadratura dei movimenti delle persone migranti attraverso la rotta balcanica, prestando particolare attenzione ai flussi migratori in entrata nel territorio greco. Questa sezione mira invece a chiarire cosa significa fare domanda d'asilo in Grecia, quali sono i vari passaggi che un richiedente asilo deve effettuare per poter essere considerato rifugiato dal punto di vista burocratico e non più un immigrato irregolare. Un tentativo di riassunto, che in relativamente poche parole, punta a presentare in modo immediato un sistema d'accoglienza molto intricato, variabile nel tempo e che indubbiamente mostra della criticità se quanto riportato dalle fonti ufficiali è messo a confronto con i dati e le condizioni reali dei richiedenti asilo, come denunciato da quanti operano nel settore umanitario in questo contesto. Tuttavia la volontà è quella di non approfondire quest'ultimo punto, al fine di riportare in modo schematizzato e intuitivo quanto previsto dal governo in materia di accoglienza. È utile anche ribadire che le modalità della richiesta d'asilo presenti in queste righe si riferiscono unicamente al sistema d'accoglienza greco, in quanto ogni stato dell'UE ne ha ideato uno proprio nel rispetto della Convenzione di Ginevra del 1951¹⁰ e del protocollo di New York del 1967¹¹.

Il modello d'accoglienza greco attuale pone le sue radici nel 2016, anno successivo alla cosiddetta 'crisi migratoria', quando l'UE ha richiesto ai paesi di primo approdo come l'Italia e la Grecia di istituire dei centri, chiamati *hotspots*, in cui iniziare nell'immediato tutte le procedure successive all'arrivo dei migranti.

¹⁰ Vedi <https://www.ohchr.org/en/>.

¹¹ Accordo aggiuntivo rispetto alla Convenzione del 1951 in cui vengono eliminate la clausola temporale, la quale decretava che solo gli eventi prima del 01/01/1951 potevano essere considerati causa di rifugiati e la clausola geografica: solo gli stati europei avevano obblighi nei confronti dei richiedenti asilo. Importante è anche specificare che molti stati al di fuori dell'Europa non hanno ancora completato le procedure di ratifica, come ad esempio la Turchia. Coccia, B., & Ricci, A. (2022). "I (primi) 70 anni della Convenzione di Ginevra". In B. Coccia, & A. Ricci, *Ospiti indesiderati. Il diritto d'asilo a 70 anni dalla Convenzione Onu sui rifugiati*. Roma: The Factory.

Essi sono adibiti allo svolgimento dei primi controlli medici, all'avvio della procedura della domanda d'asilo e all'inserimento delle impronte digitali dei migranti all'interno del database EURODAC (Schmidt, 2022), utilizzato “per il confronto delle impronte digitali per l'efficace applicazione della convenzione di Dublino¹²” del 1990. Convenzione che delega al primo paese di approdo considerato sicuro l'obbligo della presa a carico della persona migrante e lo svolgimento della procedura amministrativa per la domanda d'asilo. Accordo che non impone solo ai paesi di approdo di farsi carico di tutti i migranti entrati nel proprio territorio nazionale, ma costringe anche i migranti stessi a fare richiesta d'asilo in un paese che, nella maggioranza dei casi, non si era immaginato come meta del proprio spostamento e con il divieto di varcare altre frontiere legalmente (Schmidt, 2022). In Grecia nel 2016 sono stati istituiti in tutto cinque *hotspots* nelle isole dell'Egeo e del Dodecaneso con una capienza complessiva di 7,450 posti (AIDA). I cosiddetti *hotspots* sono stati rinominati RIC (Reception and Identification Centres) all'interno dei quali i migranti risiedono temporaneamente durante l'identificazione e l'avvio della procedura per la richiesta d'asilo. I funzionari del RIS (Reception and Identification Service), con l'affiancamento di un interprete, intrattengono un primo colloquio con il migrante durante il quale vengono memorizzate le impronte digitali (se il soggetto in questione ha un'età superiore ai 14 anni), viene chiesto alla persona di fornire i propri dati personali e quelli del nucleo familiare, di consegnare eventuali documenti di cui si è ancora in possesso e viene scattata una foto identificativa. Un ulteriore obiettivo dell'*hotspot* è quello di discernere le ‘tipologie di migranti’; difatti il governo greco ha stipulato una lista di paesi di residenza considerati sicuri tra cui ad esempio: Bangladesh, Pakistan, Tunisia e Algeria, i cui residenti emigrati in Grecia vengono etichettati come ‘migranti economici’. La loro domanda d'asilo sarà quindi valutata con una procedura accelerata e le possibilità di riuscire a ottenere la protezione internazionale sono molto scarse, a meno che non si riesca a fornire delle prove reali che difendano le ragioni per cui la propria vita sarebbe in pericolo in caso di ritorno nel paese d'origine o residenza (UNHCR). Da specificare è anche il fatto che coloro che approdano nelle isole hanno un divieto di spostamento da tale luogo per tutta la durata della valutazione della richiesta d'asilo.

¹²Vedi <https://eur-lex.europa.eu> per maggiori informazioni riguardo l'EURODAC.

Successivamente, concluso il primo colloquio, il RIS fornisce una carta che identifica i richiedenti di protezione internazionale e predisporre un appuntamento per la successiva ‘intervista’, competenza degli operatori del servizio d’asilo.

Nel 2021 è stata avviata la costruzione dei CCACI (Closed Controlled Access Centres of Islands), ordinariamente chiamati ‘campi’ (presenti sia nelle isole sia nella terraferma), all’interno dei quali i richiedenti asilo devono alloggiare fino all’ottenimento dell’esito della loro ‘intervista’. In questo arco di tempo, riportando quanto espresso nel sito del ministero greco per l’immigrazione e l’asilo, essi hanno diritto a: cibo, alloggio, assistenza medica e psicologica, sicurezza, condizioni igieniche adeguate, vestiario, calzature e prodotti per l’igiene personale¹³.

A tratti diseguale è invece la procedura di identificazione e accoglienza per coloro che oltrepassano il confine greco-turco attraverso l’Evros: i nuovi arrivati, quando intercettati, sono trasferiti nel RIC Fylakio, dove inizierà la procedura per l’identificazione e l’avvio della domanda d’asilo e dal quale non potranno spostarsi per i successivi 25 giorni. Nel caso in cui il RIC Fylakio non abbia disponibilità di posti per accogliere nuovi arrivi, quest’ultimi rimangono sotto la tutela delle autorità greche, venendo inizialmente scortati in altri centri per poi essere trasferiti a Fylakio. Al termine dei 25 giorni, normalmente le persone vengono spostate in uno dei campi presenti nell’entroterra greco (AIDA).

Il passaggio successivo all’ottenimento della carta e della sistemazione in un campo è il punto cruciale di tutta la procedura, sia per chi si trova nelle isole sia per coloro alloggiati nella terraferma. Si tratta ‘dell’intervista’, ovvero il momento in cui viene determinato il futuro di un richiedente asilo. Una commissione di funzionari del servizio d’asilo, tramite la mediazione di un interprete, effettua singolarmente delle domande a ogni membro di un determinato nucleo familiare, compresi i bambini. Sono quesiti molto specifici che toccano i punti salienti della vita del richiedente asilo: il luogo d’origine, la vita prima della partenza, le motivazioni della fuga, come si è arrivati in Grecia ecc. La comunicazione verbale e non verbale sarà considerata e valutata dalla commissione al fine di determinare se accettare o rifiutare la richiesta d’asilo. La risposta verrà comunicata ai soggetti interessati nelle settimane o nei mesi successivi all’intervista. Il tempo che intercorre

¹³ Per maggiori informazioni riguardo la struttura dei campi di accoglienza consulta il secondo capitolo. Sarà trattato nello specifico il campo di accoglienza di Corinto.

tra l'identificazione e l'ottenimento della risposta dell'intervista è infatti molto variabile a seconda dei casi e della quantità di domande ricevute in un determinato arco di tempo. Se la domanda d'asilo ha esito positivo, il richiedente diventa a tutti gli effetti un rifugiato¹⁴ e come tale ha diritto ad un permesso di soggiorno della durata di 3 anni e in caso lo richieda, anche del passaporto per viaggiare all'interno dell'UE per un massimo di 90 giorni, conclusi i quali deve far ritorno in Grecia affinché lo status di rifugiato continui ad avere validità.

La commissione può avere invece optato solo per l'ottenimento della protezione sussidiaria che garantisce il diritto d'asilo per un anno al termine del quale verrà rivalutata la domanda d'asilo e decretato il rinnovamento o meno per i successivi due anni. In caso invece la domanda venisse rifiutata, si ha la possibilità di fare appello e di richiedere assistenza legale, in determinati casi anche gratuitamente. L'appello è esaminato dal Comitato d'appello indipendente che, se lo ritiene opportuno, può effettuare anch'esso un'intervista. In caso la domanda fosse nuovamente rifiutata, il richiedente ha il diritto, a sue spese e con il supporto di un avvocato entro i 30 giorni successivi al ricevimento dell'esito dell'appello, di presentare una domanda di annullamento e di sospensione del rimpatrio presso un tribunale di primo grado. La domanda di sospensione per essere valida deve essere innanzitutto accolta; fino a quel momento il richiedente asilo rischia la chiusura in un centro di detenzione¹⁵ e successivamente il rimpatrio (Hellenic Republic Ministry of Migration & Asylum). In caso di rinnovato esito negativo, i richiedenti asilo perdono il loro diritto di restare in territorio greco e gli aiuti offerti dal programma d'accoglienza; inoltre se intercettati ancora in Grecia, vengono incarcerati negli appositi centri nell'attesa del forzato e teorico rientro in patria.

14 "Persona che per il giustificato timore di persecuzione per motivi di razza, religione, nazionalità, opinione politica o appartenenza a un determinato gruppo sociale, si trova fuori dal Paese di cittadinanza e non può o, a causa di tale timore, non vuole avvalersi della protezione di detto Paese; oppure apolide che si trova fuori dal Paese nel quale aveva precedentemente la dimora abituale e per le stesse ragioni succitate (...) non vuole farvi ritorno". Coccia, B., & Ricci, A. (2022). "I (primi) 70 anni della Convenzione di Ginevra". In B. Coccia, & A. Ricci, *Ospiti indesiderati. Il diritto d'asilo a 70 anni dalla Convenzione Onu sui rifugiati*. Roma: The Factory.

¹⁵Vedi <https://asylumineurope.org/reports/country/greece/detention-asylum-seekers/detention-conditions/>.

In caso di vulnerabilità delle persone, la procedura di identificazione e della richiesta d'asilo possono subire delle variazioni a seconda dei specifici casi. Queste varianti riguardano normalmente: modalità, tempistiche e luoghi; anche predisponendo appositi spazi all'interno dei centri, definiti 'zone sicure' nei quali possono accedere esclusivamente coloro che vengono riconosciuti come fragili ¹⁶(AIDA).

¹⁶ Un'analisi completa di chi è riconosciuto come soggetto vulnerabile e delle rispettive modalità di accoglienza è consultabile al seguente link: <https://asylumineurope.org/reports/country/greece/asylum-procedure/guarantees-vulnerable-groups/> .

CAPITOLO II: IL CAMPO E IL METODO

Premessa

L'intenzione di questo capitolo è quella di restringere sempre di più il campo d'analisi, passando dalla presentazione generale del contesto migratorio greco, trattata nel capitolo precedente, a quella più specifica del campo di accoglienza di Corinto, per concludere poi con un'introduzione al mio lavoro di ricerca sul campo a partire dalla presentazione dei servizi offerti dall'ong La Luna di Vasilika in questo contesto.

Campo d'accoglienza di Corinto

Esistono luoghi pensati per il raccoglimento di quella parte della popolazione mondiale che, per ragioni avverse, non ha più un luogo da chiamare casa. Sono spazi spesso delimitati da un confine più o meno valicabile che racchiudono al loro interno dei propri sistemi di sopravvivenza con un variabile grado di benessere. Racchiudendoli sotto un'unica e ampia etichetta, essi possono essere identificati come campi: “campi umanitari, campi profughi, campi per rifugiati temporanei, fino ai più discreti e attualissimi campi di detenzione per migranti e richiedenti asilo”. Tutti i campi hanno la comune caratteristica di stabilire uno ‘spazio del fuori’ all'interno del quale sono collocati tutti quegli esseri umani indesiderati e visti come ‘fuori posto’, la cui presenza può recare disturbo agli altri esseri umani; quelli che invece hanno diritto ad abitare ‘il dentro’. La permeabilità dei confini di un campo è variabile: solitamente, a meno che quest'ultimo non abbia scopo detentivo, possono essere valicati in entrata e uscita dalle persone che ci vivono, limitando invece i passaggi di altre entità esterne alla popolazione stessa del campo. Tuttavia, si tratta di un movimento libero solo in apparenza che nasconde un certo grado di costrizione, dovuta dal rischio intrapreso nell'attraversamento degli spazi ‘del dentro’. Come esplicitato in precedenza, un campo confina quelle persone considerate estranee e sgradite negli spazi interni della società, quindi esse possono considerarsi protette solo abitando le zone a loro designate; accettando le conseguenze dell'eventuale loro fuoriuscita. Proprio in questo quindi risiede il vero limite del campo assunto e interiorizzato

dalle persone: attraversato il confine, la protezione e l'assistenza offerte all'interno di esso smettono di valere. Caratteristica che di conseguenza conferisce al campo un vero e proprio potere nei confronti dei suoi abitanti (Rahola, 2005).

Come riportato da Rahola, i campi inoltre sono caratterizzati da una "temporaneità definitiva" in quanto pensati come soluzioni temporanee che però non sono mai state sostituite da alternative definitive, implicitamente diventandole loro stessi, fino ad assumere "l'immagine rovesciata e spettrale di uno spazio politico abitato da individui riconosciuti, di una polis, di un'idea di città" (Rahola, 2005).

Secondo i dati più recenti pubblicati dall'IOM¹, a marzo 2022 nella terraferma in Grecia erano presenti 24 luoghi adibiti all'accoglienza di richiedenti asilo, con una capienza totale di 24,237 posti. Nello specifico, il campo di Corinto, costruito nel 2019 in un'ex base militare², aveva una capienza totale di 896 posti occupati in quel periodo per il 71.21%. Inoltre, come visibile in figura 1, il campo ospitava una popolazione a maggioranza maschile (62,7%) e con più della metà degli ospiti (considerando persone sia di sesso maschile sia femminile) di età compresa tra i 18 e i 35 anni.

Esso era stato inizialmente costruito come soluzione temporanea; di conseguenza le strutture d'accoglienza rispecchiano tale prospettiva, ma al giorno d'oggi, 5 anni dopo, non sono state apportate grandi modifiche. I richiedenti asilo continuano ad alloggiare in *rubhalls* (lunghi tendoni dalla forma allungata suddivisi in stanze da mura in cartongesso, visibili in figura 2); strutture quindi non ben isolate, come riportato da diversi richiedenti asilo con cui ho parlato: troppo calde in estate e gelide in inverno che rendono le condizioni di vita davvero precarie. Latrine, docce e cucina sono invece in altri tendoni in comune a tutti gli ospiti della struttura.

¹ Vedi <https://www.iom.int/who-we-are>.

² Partendo dal presupposto che i campi sono visti come qualcosa di temporaneo che deve fronteggiare un'emergenza, il governo greco ha, in molti casi, riutilizzato delle strutture già esistenti come ad esempio: basi militari, monasteri, hotel o appartamenti. Denekos, S. N., Koutsoukis, N.-S., Fakiolas, E. T., Konstantopoulos, I., & Rachaniotis, N. P. (2021). "Siting refugee camps in mainland Greece using geographic information systems-based multi-criteria decision-making". In *Journal of Humanitarian Logistics and supply chain Management*.

All'interno del campo sono offerti alcuni servizi come la distribuzione dei pasti per i richiedenti asilo, i quali però denunciano la scarsa qualità e quantità, optando, se le condizioni economiche lo permettono, per la preparazione autonoma di essi; assistenza sanitaria e psicologica e lezioni basilari per bambini e adolescenti.

È interessante anche notare che nel report dell'IOM del 2022 è riportata in riferimento al campo di Corinto la dicitura: "Long term accomodation site" (sito di alloggio a lungo termine). Anche in questo caso quindi, come studiato da Rahola si ha una struttura connotata dalla "temporaneità definitiva", in quanto pensata inizialmente come struttura momentanea, destinata a essere modificata o chiusa, ma che a distanza di anni, ospita ancora e a lungo termine richiedenti asilo.

Dall'esterno il campo appare come una lunga cinta muraria grigiastra alla cui sommità sono state aggiunte matasse di filo spinato. L'unico punto di apertura è il varco formato da cancelli di metallo che funge da ingresso e da uscita delle persone, tuttavia in quel punto l'impenetrabilità del muro di mattoni è sostituita da quella formata dalla perenne sorveglianza. Infatti, l'ingresso è consentito solo ai richiedenti asilo che vi risiedono, al personale, alle ONG registrate in Grecia previa autorizzazione del direttore del campo e ad altre organizzazioni che possono portare aiuti, solo nei tempi e nei modi prestabiliti. Ad esempio, quando ritenuto necessario durante il periodo invernale, l'ONG La Luna di Vasilika aveva l'autorizzazione di entrata nel campo una volta al mese per la consegna di coperte. Limitazioni che marcano ulteriormente l'opposizione tra il 'fuori' degli abitanti di un campo al quale la popolazione 'civile' e riconosciuta non può accedere e il 'dentro' designato alla popolazione attiva, accessibile anche dai richiedenti, consapevoli però di addentrarsi in un territorio a loro estraneo e talvolta ostile. Inoltre, sempre tenendo a mente quest'opposizione tra il 'dentro' e il 'fuori', è utile ragionare sul giusto posizionamento di un campo profughi: in Grecia sono stati recentemente individuati dei criteri che permettono di comprendere quale sia il miglior luogo in cui allestire un campo³. Uno tra questi è il "criterio sociale", sviluppato e preso in considerazione al seguito della nascita

³ Per approfondire i criteri individuati per il congruo posizionamento di un campo consulta Denekos, S. N., Koutsoukis, N.-S., Fakiolas, E. T., Konstantopoulos, I., & Rachaniotis, N. P. (2021). "Siting refugee camps in mainland Greece using geographic information systems-based multi-criteria decision-making". In *Journal of Humanitarian Logistics ad supply chain Management*.

dei fenomeni di opposizione “N.I.M.B.Y” (*not in my backyard*), non nel mio cortile, portati avanti da comunità locali greche sia delle isole sia della terraferma. Si comprende quindi la necessità di individuare un luogo di posizionamento che medi tra le esigenze dei cittadini e degli ‘ospiti’. Indubbiamente si tratta di due tendenze opposte: i greci puntano ad allontanare il più possibile i campi dal centro città, mentre i richiedenti asilo necessitano della vicinanza al centro urbano per poter accedere ai servizi e vivere in modo dignitoso. Si è trovato perciò un compromesso che individua come congrua distanza di un campo dal centro tra i 3km e i 15km (Denekos, Koutsoukis, Fakiolas, Konstantopoulos, & Rachaniotis, 2021).

Il campo di Corinto è tuttavia una vera e propria eccezione, in quanto posizionato in prossimità del centro abitato, con delle prime case a pochi metri dalla sua entrata, in una posizione intermedia tra la stazione dei treni (indispensabile per i richiedenti asilo che si devono recare spesso ad Atene o in altre città per questioni legali o mediche) e la via principale di Corinto che dista all’incirca 1,5 km. Ancora più singolare è pensare che vicino al campo d’accoglienza, sia situato anche un centro di detenzione per i richiedenti asilo in attesa di essere rimpatriati, una struttura che di certo non passa inosservata e che si affaccia in una strada molto trafficata.

Riassumendo, il campo di Corinto è un complesso per l’accoglienza che, se confrontato con altri presenti nel territorio, in particolare quelli nelle isole, offre delle condizioni di vita più dignitose per i richiedenti asilo, considerando i numeri di persone che ospita, i servizi offerti e la vicinanza con il centro città. Tuttavia rimane comunque un luogo insito di problematicità, poiché pensato e costruito per far fronte a un’emergenza, ma che continua a ospitare richiedenti asilo per mesi se non per anni in condizioni precarie e difficili. Queste si aggiungono a condizioni di fragilità preesistenti conseguenti all’abbandono del paese di provenienza e della propria vita precedente, al viaggio, all’instabilità del loro presente e all’incertezza delle loro prospettive future.

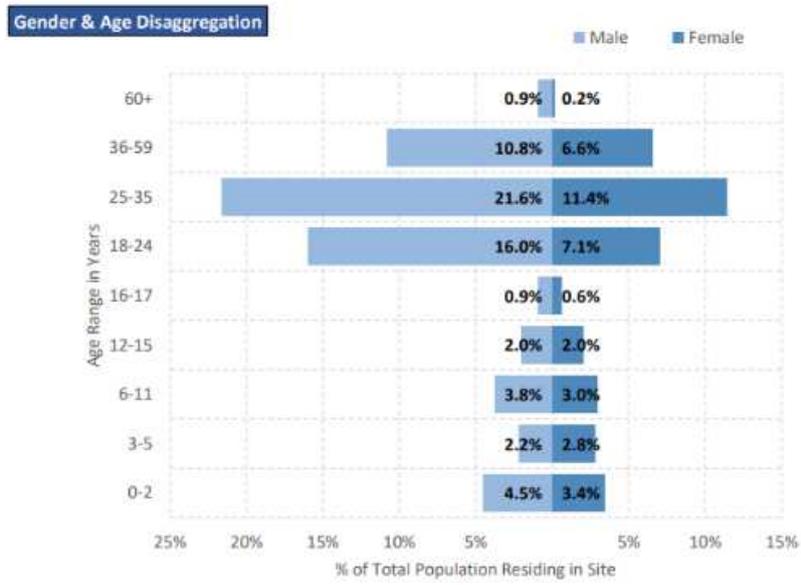


Figura 1: Site factsheet IOM 2022



Figura 2: rubhalls campo di Corinto (Hellenic Republic Ministry of Migration & Asylum)

Metodo e lavoro di ricerca sul campo

Il tema generale delle migrazioni e la tipologia di tesi sono stati scelti come conseguenza alla decisione di effettuare un tirocinio curricolare in Grecia con l'ONG La Luna di Vasilika. A dicembre 2023, dopo aver effettuato degli incontri di formazione, mi sono recata per tre settimane a Corinto durante le quali ho vissuto e lavorato con la squadra di volontari e volontarie che, insieme alla coordinatrice, si occupavano dei servizi offerti dal centro comunitario, il *Community Center* di Corinto finalizzati al sostegno di persone che vivono in condizioni di fragilità e, in particolare ai richiedenti asilo che alloggiano nel campo d'accoglienza di Corinto. Oltre allo svolgimento dei compiti che mi erano stati designati in quanto volontaria, mi sono inoltre ricavata del tempo per condurre la mia ricerca sul campo. Dopo un colloquio iniziale con la coordinatrice, durante il quale ho reso note le mie intenzioni di ricerca, abbiamo concordato sulla scelta di non effettuare interviste dirette con i richiedenti asilo, ma di optare per un posizionamento di tipo *covert*, data la brevità della mia permanenza e gli obiettivi dell'ambiente lavorativo. Il centro è pensato infatti come luogo di svago, di incontro, di apprendimento, in cui costruire un rapporto di fiducia e rispetto che unisca i volontari e chi usufruisce dei servizi. La volontà quindi è quella di differenziarsi nettamente dalle logiche del governo e del campo, i quali, al fine dell'ottenimento della protezione internazionale, obbligano i richiedenti asilo ad attenersi a rigide regole da loro imposte e soprattutto a rispondere forzatamente alle loro domande. Perciò, a mio avviso, sarebbe stato inopportuno e poco concorde alla politica di questa ONG utilizzare la mia posizione di volontaria del centro al fine di porre ulteriori domande alle quali implicitamente obbligavo a rispondere. Ho preferito quindi optare per l'approccio più discreto dell'osservazione partecipante e dei dialoghi informali che mi hanno permesso di instaurare un rapporto più spontaneo e amichevole con i richiedenti asilo e ricavare, nonostante i limiti temporali di tale metodo, delle informazioni utili alla mia analisi.

Gli altri volontari e volontarie erano invece a conoscenza del mio lavoro di ricerca e questo mi ha permesso di dedicarmi a tale progetto senza vincoli nei tempi liberi, usufruendo talvolta anche della loro complicità e collaborazione.

La ricerca non è stata guidata fin da subito da domande cognitive delineate e precise, se non dalla volontà di approfondire le dinamiche del flusso migratorio in Grecia e del sistema d'accoglienza. La scelta di indagare più nello specifico il tema della solidarietà con i richiedenti asilo è avvenuta in seguito, rileggendo, valutando e analizzando a posteriori il materiale raccolto che somma le osservazioni, le riflessioni personali e i dialoghi informali annotati giorno per giorno durante la permanenza in Grecia e le interviste semi strutturate effettuate ai coordinatori dei due progetti, Lorenzo e Matilde. Una volta delineato un possibile filone di ricerca ho integrato tali annotazioni con ricerche più specifiche frutto di un approfondimento bibliografico e delle informazioni ricavate da un questionario sul tema specifico della solidarietà rivolto ai volontari e alle volontarie che hanno collaborato con la Luna di Vasilika Onlus, One Bridge to e Aletheia RCS⁴.

Lo scopo finale del mio lavoro è quindi quello di offrire un'inquadratura generale sulla gestione dei flussi migratori in Grecia, ponendo particolare attenzione al contesto della città di Corinto e inoltre di indagare le azioni solidali messe in pratica dai volontari e dalle volontarie dell'ONG con cui ho collaborato, ma anche più generalmente dai cosiddetti "solidali" con i migranti. Questo al fine di esplicitare l'esistenza di una controtendenza all'ostilità nei confronti dei migranti: persone che sanno e hanno saputo guardare il fenomeno migratorio non dalla prospettiva della contrarietà e dell'ostruzionismo, ma da quella della solidarietà e dell'accoglienza.

La Luna di Vasilika Onlus

“Ottobre 2016, nell'Hangar 1 del campo di Vasilika, un bambino compie due anni.

Ci sono palloncini appesi tra le tende per festeggiare il compleanno: “Salam Aleikum Mama!”, “Aleikum Salam my friend...”.

Osserviamo commossi quanta normalità si intravede in questi gesti. Sappiamo bene quanto invece prevalgono la sensazione di fallimento e di disperazione, nella testa del papà che appende le lucine all'ingresso della tenda o in quella della mamma che ha preparato un mini banchetto con un fornello da campo. È il compleanno del loro bambino e loro hanno fatto di tutto perchè fosse un giorno felice, come un normale compleanno

⁴ Si tratta di 3 ONG: le prime due venete, mentre la terza svizzera, dalla cui collaborazione sono nati i centri di Corinto e Atene e tutti i progetti perseguiti a sostegno dei migranti in Grecia.

[...]. *Su Vasilika quella sera c'era una luna piena che mai scorderemo.*" (<https://www.vasilikamoon.org/>)

Anche Lorenzo, oggi coordinatore sul campo della Luna di Vasilika e del progetto *Meraki*, era tra quei numerosi volontari partiti spontaneamente dall'Italia verso la Grecia per offrire il loro aiuto durante la crisi migratoria del 2015-2016. Persone con percorsi formativi e occupazionali differenti, ma accomunati dalla voglia di fare la propria parte spinti dal sentimento di solidarietà.

Un'esperienza che ha segnato la vita di Lorenzo e quella degli altri volontari conosciuti sul campo che, come lui, non sono riusciti a tornare a casa e ad accantonare l'esperienza vissuta. Così, nel 2016 da quegli incontri sono nate La Luna di Vasilika Onlus, One Bridge to e Aletheia RCS, tre ONG⁵ che con il tempo si sono differenziate, ma che continuano a unire le forze dei loro volontari per sostenere progetti comuni a favore dei richiedenti asilo in Grecia e in altri luoghi.

Dialogando con Lorenzo che dal 2019 ha deciso di trasferirsi e di lavorare in Grecia a sostegno delle persone migranti, è emerso che inizialmente le organizzazioni precedentemente citate lavoravano a sostegno dei campi nei dintorni di Salonicco (Vasilika, Diavata, Derveni e altri), ma poi nel 2020 hanno iniziato a ripensare i loro progetti e, a seguito di un'attenta valutazione sia delle risorse sia delle necessità dei richiedenti asilo, hanno deciso di spostarsi per supportare quanti risiedevano nel recente campo di Corinto. Inizialmente hanno affittato uno spazio in centro città che potesse fungere da scuola e centro d'aggregazione per i richiedenti asilo e successivamente, data la risposta positiva e il numero molto alto di frequentatori, anche un ex bar da ristrutturare che ancora oggi ospita il *Community Center*. Il progetto, localizzato a Corinto e aperto nel 2020, è stato successivamente rinominato *Cheirapsies*, dal greco 'strette di mano', a simboleggiare la volontà di incontro al di là del distanziamento richiesto dall'emergenza pandemica.

⁵ Organizzazioni non governative che proclamano la non finalità di lucro del loro operato, ma il loro personale è stipendiato, in quanto le figure assunte sono dei professionisti. Dei, F. (2015). "Culture e pratiche del dono e della solidarietà". In *Salvati M., & Sciolla L. L'Italia e le sue regioni: l'età repubblicana. Vol. IV. Società.*

Inoltre a fine 2022 hanno aperto anche un nuovo centro ad Atene situato in una zona strategica, al fine di ampliare la rete di aiuti già offerti da altre organizzazioni nella capitale decidendo di convogliare le loro forze a sostegno delle comunità africane più di quelle medio orientali, proprio perché moltissime associazioni erano già impegnate a sostegno di quest'ultime. È sorto così *Meraki*, termine non perfettamente traducibile in italiano, ma che richiama il concetto di fare le cose con cura e con amore. È un progetto con finalità diverse da *Cheirapsies*, in quanto le necessità stesse delle persone migranti risiedenti in questi due macro luoghi variano molto tra loro. Da un lato si ha Corinto, città in cui vi è la presenza importante di un campo che ospita richiedenti asilo in attesa della risposta alla domanda d'asilo o dell'eventuale appello, mentre dall'altro lato vi è Atene: capoluogo meraviglioso quanto problematico, in cui confluiscono la maggior parte delle persone a cui è stata negata la domanda d'asilo e che non hanno più un posto dove stare, oppure coloro a cui è stata accordata la protezione internazionale e che hanno deciso di ricominciare una vita in Grecia, o persone di nazionalità greca in particolari situazioni di difficoltà. I volontari e le volontarie di *Meraki* si occupano quindi di assistenza socio-sanitaria al fine di mettere in contatto i fruitori dei servizi con organizzazioni che possano aiutarli a soddisfare le loro necessità. Forniscono anche cibo tramite il *free shop*, corsi di lingua inglese e percorsi per l'alfabetizzazione. Inoltre, in collaborazione con MVI⁶ provvedono all'assistenza sanitaria.

Importanti sono anche i progetti attivi in Italia finalizzati alla sensibilizzazione delle persone sulla questione migratoria, alla raccolta di fondi e alla ricerca e formazione di volontari e volontarie che possano diventare parte attiva dei progetti in Grecia. In particolare, il *SolidariTir* è essenziale per continuare a sostenere la distribuzione di beni di prima necessità nei *free shops* di Atene e Corinto, perché prevede la partenza due volte l'anno dall'Italia verso la Grecia di un tir carico di beni da distribuire gratuitamente, raccolti tramite donazioni spontanee da parte di singoli o di aziende.

Il quadro appena presentato mostra come la Luna di Vasilika Onlus e i progetti da essa sostenuti in collaborazione con le altre due organizzazioni, siano cresciuti e aumentati nel corso degli anni, ma non senza sfide e difficoltà:

⁶ Medical Volunteers International.

“Ti ho detto prima che siamo partiti nel 2016 ufficialmente e c’erano in tutta la Grecia, comprese le isole all’incirca 500 organizzazioni. Piccole, grandi, medie, facciamo 500 per darti un ordine di grandezza che mi sembra abbastanza reale. Sai quanti siamo oggi? Meno di 50. Perché alcune sono nate e sono morte con la stessa velocità, perché magari non avevano delle basi o una concretezza che le permettessero di stare in piedi, poi c’è stato il Covid che ha decimato le organizzazioni, poi ci sono state altre diverse cose nel frattempo; ad esempio all’epoca tutte le organizzazioni lavoravano dentro i campi, poi siamo dovuti tutti uscire, perché il governo greco ha deciso di non dare più l’accesso a nessuno, neanche ad organizzazioni enormi. [...] Dato che tutte le organizzazioni non potevano avere accesso ai campi, significa che solo quelle che hanno avuto la forza di adeguarsi e di affittare qualcosa fuori sono riuscite a sopravvivere [...]. Quindi tutti questi fattori qui hanno fatto in modo che le organizzazioni si decimasero.” (Intervista effettuata a Lorenzo, 15 dicembre 2023).

Anche oggi, dopo svariati anni di lavoro, la situazione rimane instabile. Fluttuazioni dovute alle caratteristiche insite all’ONG stessa, in quanto realtà dipendente dall’aiuto dei volontari, dalle donazioni, dalle condizioni socio-politiche greche e italiane, dalla legge, dal numero di migranti da sostenere:

“Fai conto che su Atene quest’anno di organizzazioni con cui ho lavorato molto e conosco bene hanno chiuso in 10. Alla fine dell’anno ne chiuderanno altre 3 che conosco molto bene e che sono qui dal 2016, quindi progetti importanti, strutturati che fanno un lavoro pazzesco, chiudono per mancanza di fondi. Quindi questa è una grande battaglia ed emergenza che tutti viviamo”. (Lorenzo, ibidem)

Nonostante le condizioni finanziarie altalenanti, la prospettiva è però quella di tentare di continuare ad ampliarsi per riuscire a offrire un numero sempre maggiore di servizi e aiuti. Lorenzo rivela infatti che:

“In questo momento stiamo ormai lavorando da più di un anno sulla pianificazione di un altro progetto ad Atene, un day center per bambini, perché abbiamo un problema frequente di genitori single, soprattutto madri single che non possono lavorare e non possono fare niente, quindi non possono essere indipendenti. Una serie di eventi tragici che accadono perché non sanno cosa fare dei bambini. Stiamo pianificando di aprire un centro diurno aperto dalle 8 alle 18 dove le persone possano lasciare i bambini, ma dove essi possano anche essere seguiti da logopedisti, psicologi, pediatri, da pedagogisti. Perché poi vediamo tutti i giorni tantissimi deficit di crescita o nei rapporti tra figli e genitori perché sono anche magari figli frutto di momenti dolorosi o violenze. Figli che non sono stati voluti. Questo è un progetto grande dove non siamo da soli, ma che si sta avverando grazie alla partnership tra diverse organizzazioni”. (Lorenzo, ibidem)

Cheirapsies

“Piano terra di un condominio giallo a pochi passi dalle vie centrali di Corinto; uno spazio delimitato su due lati da grandi vetrate, una scritta azzurra che decora la striscia di muro sopra la porta d’entrata e riporta la dicitura “Χειραψίες”. Appare così dall’esterno il Community Center. L’interno, un luogo relativamente piccolo, ma funzionale: una sala principale nella quale salta subito all’occhio la colonna centrale sulla quale è dipinta la sagoma di un albero decorata con delle impronte di mani di diverse dimensioni e colori; dietro di essa un tavolino con una macchinetta del caffè, il bollitore dell’acqua e qualche bustina di tè. In fondo una scatola che contiene un tappeto per la preghiera e un’arella in cui sono appesi alcuni vestiti da uomo e un cartello con la scritta Free clothes. Sul lato sinistro invece tre divanetti a ferro di cavallo, delle sedie e due poltrone, vicino le quali si intravede un piccolo spazio con qualche gioco e libro. A destra un lungo bancone dietro il quale ci sono degli alti scaffali utilizzati per l’esposizione di alcuni prodotti. Nella vetrata dove è stata costruita la porta d’ingresso sono appesi alla parete diversi cartelli che riportano il programma settimanale del centro in varie lingue e in un altro la dicitura free Wi-Fi. Poi un’altra stanza adibita ai bagni e una

con un piccolo ufficio. Tutt'intorno pareti bianche abbellite da alcuni dipinti, da disegni e da bandiere” (Note di campo, 4 dicembre 2023).

Il *Community Center* appare come un luogo semplice ma polifunzionale che, a partire dall'estetica stessa, tenta di trasmettere un senso di convivialità, accoglienza e incontro. È frequentato principalmente dai richiedenti asilo alloggiati nel campo di Corinto, ma aperto a chiunque desideri viverlo. Secondo quanto riportato da alcune volontarie: uno spazio sicuro, accogliente, caldo d'inverno e pulito che funge come punto di ritrovo alternativo agli spazi interni al campo o a quegli esterni della città di Corinto, in cui i richiedenti asilo si riscoprono e vengono riconosciuti come persone, prima che come migranti. Un luogo di apprendimento e di socialità che punta a soddisfare i bisogni materiali e immateriali di chiunque lo voglia frequentare. Il *Community Center* è anche il luogo in cui vengono concretamente erogati i servizi che formano il progetto *Cheirapsies*, pensati e finanziati dalle associazioni di cui si è parlato, talvolta in collaborazione anche con altre organizzazioni internazionali o greche.

Secondo quanto riferito da Matilde, la coordinatrice del centro, si tratta di:

“Un progetto che si modifica nel tempo in base a quelle che sono le necessità che emergono dalle persone e quindi sempre più quando si vede che il governo non riesce a far fronte a determinate situazioni e problemi, interveniamo noi e tentiamo di riempire questo gap” (Intervista effettuata a Matilde, 14 marzo 2024).

I servizi quindi offerti all'interno di tale progetto mirano a soddisfare i bisogni delle persone migranti, tentando di colmare quei vuoti lasciati dal sistema di accoglienza greco, rendendolo mutevole nel tempo e in continuo rinnovamento. La mutevolezza di tale progetto deriva però anche dall'affidarsi principalmente alla forza lavoro di volontari e volontarie, ognuno dei quali è portatore di determinate conoscenze e abilità che sono un arricchimento per il progetto stesso, ma anche l'origine di ripianificazioni di alcuni servizi, talvolta non più erogabili dopo la partenza di chi se ne occupava. In più le collaborazioni stesse con enti esterni impegnati in determinate attività del centro possono subire modifiche nel corso del tempo. Il progetto vede ovviamente la presenza di alcune attività consolidate e durature come: il *free shop*, ovvero un luogo adibito alla distribuzione di

cibo e di beni di prima necessità tramite un sistema a punti mensile. Ogni nucleo familiare registrato come usufruttore del servizio può fare la spesa due volte al mese nei giorni prestabiliti avendo a disposizione, in base al numero dei componenti del nucleo stesso, un totale di punti spendibili. Ad ogni tipologia di prodotto sono attribuiti dei punti ed eventualmente una quantità massima ‘acquistabile’; questo per cercare di garantire un servizio che offra a tutti i fruitori le stesse possibilità di scelta e di disponibilità di beni. Una strategia adottata come compromesso tra le necessità di tutti i richiedenti e le effettive disponibilità del negozio, considerato che quasi la totalità dei prodotti a disposizione proviene da donazioni e quindi la loro accessibilità risulta molto variabile.

Inoltre, sempre per quanto riguarda la distribuzione di generi alimentari, è attiva una collaborazione con il supermercato di Corinto ‘Alfa Beta’, il quale ogni giorno regala al centro prodotti in scadenza, al fine di poterli distribuire a rotazione tra i richiedenti asilo. La distribuzione di vestiario avviene invece in modo più complesso, secondo una suddivisione per genere e per età. Per quanto riguarda gli adulti, solo per le donne è stato ideato uno spazio dedicato. Con un sistema a punti mensili simile a quello del *free shop* le donne possono ‘acquistare’ quanto necessitano entrando in una stanza che ricorda vagamente un negozio d’abbigliamento, con la possibilità di provare quanto scelto. Un tentativo di ricreare uno spazio sicuro pensato solo per donne e ragazze, nel quale l’atto di prendere degli indumenti, non soddisfa solo un bisogno materiale, ma assume un significato più profondo, richiamando la sfera della cura di sé, del gusto personale e della femminilità.

Uno spazio simile è stato ideato anche per la distribuzione del vestiario per bambini e bambine; gli uomini invece, data la scarsità delle donazioni di abbigliamento e di calzature maschili, in caso di necessità possono fare richiesta direttamente ai volontari, i quali provvederanno alla consegna non appena disponibile. In generale, oltre al vestiario, il centro cerca di offrire beni materiali a chiunque li richieda, in particolare a coloro che rivelano la volontà di intraprendere la rotta balcanica, fornendo oggetti utili alla sopravvivenza come tende, torce, zaini, scarponi, vestiti pesanti, kit di primo soccorso.

Cheirapsies mira inoltre a fornire assistenza medica e psicologica in collaborazione con dei professionisti. Una volta la settimana il centro accoglie un gruppo di medici dell’associazione MVI (Medical Volunteers International) che visita chi ne necessita e fornisce eventualmente medicinali. In aggiunta i volontari e le volontarie di *Cheirapsies* si occu-

pano delle prenotazioni di appuntamenti per visite ginecologiche, odontoiatriche e oculistiche. Inoltre, se le condizioni economiche lo permettono, *Cheirapsies* prevede la possibilità di acquistare i biglietti del treno per coloro che si devono recare ad Atene per appuntamenti legali o medici.

In caso di necessità di supporto psicologico, il ruolo del centro è invece quello di intermediario tra il fruitore del servizio e il professionista, organizzando l'appuntamento e creando un luogo adatto allo svolgimento di tale seduta in via telematica.

Un altro punto cardine del progetto è l'istruzione; sono presenti infatti corsi di greco, grazie ad una volontaria nativa di Corinto, di inglese, tedesco e francese, suddivisi per livelli e indirizzati soprattutto ad adulti. Il governo greco offre infatti la possibilità a bambini e ragazzi fino ai 16 anni circa di seguire lezioni interne al campo o nelle scuole pubbliche negli orari pomeridiani in cui non ci sono gli altri alunni. Perciò *Cheirapsies* punta all'istruzione di quelle fasce d'età lasciate scoperte dai programmi governativi, ma che necessitano comunque di un grado di conoscenza almeno basilare delle lingue, utili nella quotidianità in un paese estero e soprattutto nella ricerca di un lavoro.

Il centro si occupa inoltre del supporto in ambito legale, bancario e lavorativo in collaborazione anche con altre realtà che forniscono degli incontri mirati utilizzando gli spazi del centro.

I momenti ricreativi sono un altro punto molto importante del progetto, oltre che quello maggiormente soggetto a modifiche dettate dal ricambio dei volontari e dei frequentatori. È possibile partecipare a lezioni di danza, corsi di pittura, tornei di giochi da tavolo, momenti di convivialità e condivisione del cibo preparato durante i corsi di cucina, cucito e lavori a maglia, partite di calcio e di pallavolo. Momenti che nella loro semplicità incidono positivamente sulla vita di chi vi partecipa, offrendo attimi di svago e divertimento, oltre che l'occasione di incontrare e di conoscere nuove persone, riscoprendo la propria umanità nella socialità e nell'incontro con l'altro.

Importante è anche sottolineare che coloro che frequentano il centro, non sono solo visti come soggetti da compatire e da aiutare in un rapporto di assistenzialismo monodirezionale, ma come persone capaci, creative, intelligenti, dotate di un potenziale agencico che le ha spinte a spostarsi dai paesi di provenienza e che le stimola a riempire il vuoto tempo dell'attesa diventando attori attivi dei momenti ricreativi e educazionali proposti dal centro (Schmidt, 2022); talvolta questi soggetti propongono a loro volta nuove idee: è stato

il caso di Ayan⁷ che durante il mio periodo di ricerca si era messo in gioco nell'insegnare l'arabo ai volontari e alle volontarie al fine di agevolare la comunicazione con quanti non parlavano inglese, oppure le molte donne e uomini che a turno il venerdì si adoperavano per preparare un piatto tradizionale da condividere con i frequentatori del centro.

Riassumendo, *Cheirapsies* è un progetto che tenta di avere un impatto positivo nella vita delle persone in condizione di fragilità sotto vari aspetti: materiale, emotivo, psicologico, medico, relazionale; ha inoltre l'intenzione di rimediare a un sistema d'accoglienza lacunoso, soprattutto dal punto di vista sociale, discostandosi dalla logica di confinamento delle persone all'interno di un campo con un tempo vuoto di senso; al contrario, offre una parvenza di quotidianità capace di riempire in modo utile il tempo libero delle persone che lo frequentano.

⁷ Nome fittizio al fine di preservare la privacy del frequentatore del centro.



Figura 3: Facciata del Community Center

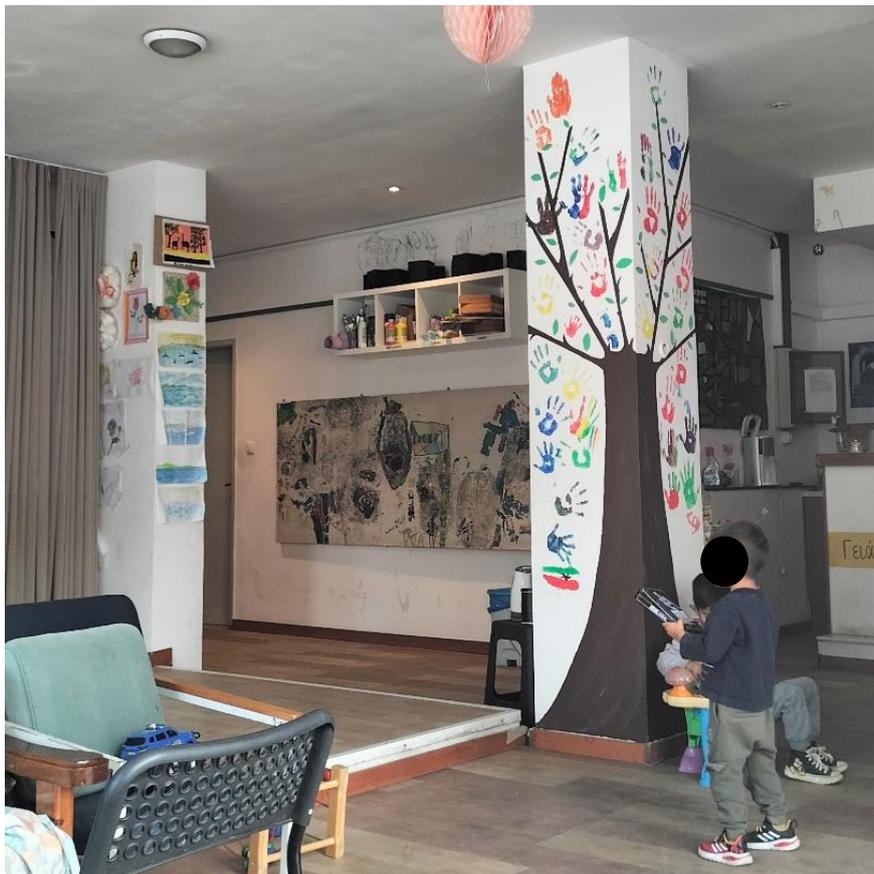


Figura 4: spazio interno del Community Center

CAPITOLO III: LA SFIDA DELLA SOLIDARIETÀ

Premessa

Le seguenti righe puntano a fornire un'inquadratura generale del concetto di solidarietà analizzato soprattutto partendo dalle pratiche solidali attuate nei confronti dei richiedenti asilo in Grecia e successivamente più nello specifico nella città di Corinto. Interessante sarà anche lo spunto di riflessione finale riguardante le criticità di certe tipologie di approcci solidali riscontrate da alcuni ricercatori al fine di comprendere che, un concetto solitamente percepito in senso fortemente positivo, può presentare delle problematiche importanti, se considerato dal punto di vista del destinatario della solidarietà stessa.

Le sfaccettature della solidarietà

“The strength of solidarity is, as we believe, its capacity to develop a diversity of responses which appeal to different degrees of commitment and action to foster social and political change.” (Agustín & Jørgensen, 2019)

Il termine ‘solidarietà’ ha uno spessore semantico ampio che va a toccare numerosi concetti attinenti, i quali possono rimandare alla sfera del perseguimento di ideali comuni al fine di ottenere ulteriori diritti, alla benevolenza, all'appartenenza di un genere, alla fratellanza, al servizio, all'amore, alla donazione. Sono sfaccettature non necessariamente escludibili tra loro, ma che possono essere presenti all'interno di un medesimo atto di solidarietà nel corso del tempo. Come afferma Totaro, alla base dell'atto di solidarietà c'è l'idea di perseguimento di un bene comune in qualche modo partecipabile (Totaro, 2001). Nell'anno 2015, noto per la cosiddetta ‘crisi migratoria’, la parola solidarietà, in greco *Allilegíi*, era utilizzata quotidianamente sia dal governo greco nei discorsi pubblici, sia dai giornalisti e dai mass media. Successivamente, si è delineata la figura del ‘solidale’, attraverso una traslazione del termine dalla categoria dell'aggettivo a quella del sostantivo, al fine di poter etichettare con una sola parola una persona che tramite alcune azioni, anche molto distanti tra loro - come ad esempio partecipare a proteste, fare visita ai mi-

granti rinchiusi nei centri di detenzione, aiutare nella distribuzione di beni di prima necessità - si adoperava per sostenere quanti varcavano il confine greco al fine di richiedere la protezione internazionale (Rozakou, 2016). Si trattava principalmente di singoli individui che, spinti da un senso di ospitalità e di solidarietà, decidevano di spendersi in prima persona per aiutare i soggetti in difficoltà, organizzandosi autonomamente in piccoli gruppi e così affermando la loro differenziazione da tipologie di aiuti più strutturate proposte da agenzie umanitarie, istituzioni o ONG. Solo in seguito alcuni hanno optato per la via dell'istituzionalizzazione diventando organizzazioni non-profit mentre altri hanno continuato a ribadire la loro autonomia rispetto alle logiche della professionalizzazione degli 'aiuti umanitari' e della solidarietà del governo (Rozakou, 2017). Jørgensen e Agustín aggiungono il concetto di 'istituzionalizzazione alternativa', intendendo che anche coloro che si proclamano distanti dalle istituzioni cercano di ideare un proprio e peculiare sistema di istituzionalizzazione necessario alla coordinazione degli aiuti e delle azioni solidali. Gli autori pensano infatti alla spontaneità come uno stimolo di partenza, che deve portare a un certo grado di istituzionalizzazione, intesa come organizzazione delle azioni, affinché gli sforzi siano efficaci e duraturi. Rinunciare ad essa limiterebbe l'effetto del dissenso e del cambiamento desiderato (Jørgensen & Agustín, 2015).

Rozakou si sofferma anche sul *gift taboo*, che era diffuso tra i solidali durante la sua ricerca in Grecia nel 2000, e di come invece, durante la crisi migratoria di quindici anni dopo, sia stato praticamente eliminato e sostituito da una linea di aiuti incentrata sulla massiccia distribuzione di beni materiali. Inizialmente il dono era visto come un ostacolo per la formazione di legami egualitari tra i 'solidali' e i migranti. Le azioni di alcuni gruppi di 'solidali' da lei analizzati non prevedevano infatti l'erogazione di servizi o di beni, ma semplici momenti di condivisione finalizzati alla formazione di un rapporto più orizzontale. Inoltre rimarcavano la problematicità degli approcci di stampo caritatevole, visti come generatori di disuguaglianza, in quanto un dono instaurava un rapporto di reciprocità che, se non reciprocato, generava disparità e dipendenza (Rozakou, 2016). Tra i 'solidali' però c'era chi propendeva per una visione più concreta della relazione: non aveva senso parlare di uguaglianza quando le circostanze esterne erano fortemente diseguali. Da quest'ultimi l'equità era quindi vista come un percorso a lungo termine alla cui base c'erano delle necessità primarie indispensabili come: il cibo, l'alloggio, la salute, il vestiario (Cantant, 2018).

Dal momento che la Grecia è stata ed è una delle principali tappe delle rotte migratorie che convergono in Europa; i greci stessi e in particolare coloro che abitano nei luoghi di approdo, come le isole, si sono ritrovati catapultati all'interno del fenomeno migratorio e perciò chiamati a prendere un posizionamento. Alcuni hanno scelto di essere solidali con i migranti, altri si sono opposti fin da subito mantenendo questa posizione nel corso del tempo, infine altri ancora, hanno sperimentato solo a posteriori un senso di solidarietà, scaturito dall'esperienza diretta degli arrivi. Come spiega il pescatore Minas, abitante di un piccolo villaggio situato nella costa nord di Lesvos: *"There is not much choice when you find a boat full of scared people in the middle of the night . . . The sight of shivering people moved even those who did not want them in the village in the first place."* Oppure il negoziante Tassos: *"no, we do not want them here, but as they appear in front of us in desperate need we cannot let them be like this"* (Fotaki, 2022).

Queste descritte sono azioni inconsapevolmente solidali, ossia non pianificate, ma frutto di un istinto naturale emerso in momenti di emergenza, in cui a prevalere era il sentimento di appartenenza allo stesso gruppo, quello degli esseri umani, nel riconoscimento che si è tutti portatori di un certo grado di vulnerabilità condivisa¹ (Butler 2004 citata in Fotaki, 2022 pag. 316). Fotaki evidenzia anche il fatto che il perdurare di situazioni emergenziali, alle quali non si vede un termine², porta alla scomparsa dell'iniziale sentimento di solidarietà, facendo invece emergere quello della stanchezza, della rabbia, della disillusione, dell'ostilità, conducendo addirittura ad attaccare i 'solidali' (Fotaki, 2022).

Nel tentativo di inquadrare meglio cosa significhi solidarietà verso i richiedenti asilo, Jørgensen e Augustín, attingendo a esempi derivati da pratiche concrete, hanno suddiviso le azioni solidali in tre categorie soggette a cambiamenti e non sempre coerenti, portatrici di una certa mutabilità e di contraddizioni: solidarietà autonoma, solidarietà civica e so-

¹ Ispirandosi alle riflessioni di Judith Butler, Fotaki individua la vulnerabilità come una condizione universalmente riconosciuta e in quanto tale un elemento fondamentale per riuscire a riconoscersi come essere umani equivalenti, nonostante le diversità. Fotaki, M. (2022). "Solidarity in crisis? Community responses to refugees and forced migrants in the Greek islands". In *Organization*.

² A causa di una sempre più stringente chiusura dei confini tra i vari stati, le persone migranti, nonostante la volontà di proseguire il loro viaggio attraverso altri paesi, rimangono bloccate in alcuni luoghi frontaliere o di approdo, impattando anche la vita degli abitanti di queste zone. Date le circostanze attuali, i vari governi non sembrano intenzionati a mutare queste misure di 'contenimento', offrendo una prospettiva a lungo termine fortemente negativa per la popolazione.

lidarietà istituzionale. La prima è un tipo di solidarietà che vede un'organizzazione autonoma da parte di gruppi di persone, i quali mirano all'orizzontalità della partecipazione al fine di istituire uno strato di equità tra i suoi membri, rifiutando ogni tipo di cooperazione con lo stato. Questo però non significa che essa non presenti un certo grado di istituzionalizzazione o meglio di 'istituzionalizzazione alternativa'. L'esempio riportato a tal proposito è quello degli *squats* di Atene che tratteremo più approfonditamente nel prossimo sotto capitolo.

La solidarietà civica include il lavoro delle ONG, come la Luna di Vasilika, di comunità locali e di singoli volontari. Ovvero si tratta di realtà che si distanziano dallo stato, ma che non sono necessariamente contro di esso e che tentano di instaurare 'relazioni collaborative' all'interno degli stessi gruppi sociali o tra gruppi differenti, al fine di ampliare il senso di appartenenza a un'unica comunità. Questa forma di solidarietà è emersa particolarmente in Grecia durante il periodo di 'crisi migratoria' e, secondo quanto rilevato durante la mia ricerca sul campo, è ancora vigente.

La solidarietà istituzionale riguarda invece il tentativo di unione tra la società civile con la sfera politica, in un'ottica di garanzia di infrastrutture adatte all'esercizio di azioni solidali. Si tratta di un rapporto di frequente conflittuale poiché i due poli puntano a obiettivi spesso in contrasto fra loro³ (Agustín & Jørgensen, 2019).

In conclusione, la solidarietà può essere intesa come un concetto sfaccettato, considerando che la sua interpretazione e interiorizzazione risulta variabile in modo soggettivo. Tale mutevolezza si rispecchia nella varietà di azioni pratiche messe in atto a sostegno dei richiedenti asilo in Grecia, le quali risultano talvolta molto distanti tra loro o contrarie. Come una persona percepisce la solidarietà può inoltre variare nel tempo: in un soggetto essa può apparire, svanire e assumere significati differenti, in base anche alle circostanze esterne e interne che influiscono nella sua percezione.

³ Per approfondire consiglio la lettura del sotto capitolo "Institutional Solidarity: Barcelona as Refuge City". Agustín, Ó. G., & Jørgensen, M. B. (2019). *Solidarity and the "Refugee Crisis" in Europe*. Cham: Springer International publishing.

Va detto tuttavia che la pluralità della solidarietà risulta essere la fonte stessa della sua forza, in quanto generatrice di risposte sempre differenti scaturite da diversi gradi di impegno e di azione, ma tutte proiettate verso la volontà di cambiamento politico o sociale (Agustín & Jørgensen, 2019).

La solidarietà autonoma: Il caso degli squats a Atene

Nel lavoro di Agustín & Jørgensen precedentemente citato e commentato, la solidarietà autonoma è concretizzata tramite l'esempio dello *squat* di Atene 'Hotel City Plaza'.

Durante un'intervista, anche Matilde, la coordinatrice del centro di Corinto, ha riportato lo stesso fenomeno di *squatting* come esempio di solidarietà dal basso nei confronti dei richiedenti asilo in Grecia.

Greta: *"Pensi sia corretto dire che in Grecia c'è principalmente un sentimento di solidarietà dal basso?"*

Matilde: *"Forse direi di sì nel senso che, a livello istituzionale, l'opposizione è chiara [...] invece dal basso o a livello di organizzazioni non governative la solidarietà è molto forte ed è così un po' dall'inizio secondo me, quindi dal 2015-2016. [...] Soprattutto su Atene la spinta dal basso diciamo si vede. Penso a gruppi anche anarchici o di collettivi sociali che lavorano in questa direzione di aiuto, per avere un alloggio, uno spazio sicuro. Ci sono degli squats ad Atene, quindi case o edifici occupati che danno alloggio alle persone che sono: Notara 26 che è a Exarchia, Solidarity with migrants che è associato a Zizania che è un altro centro sociale che fa attività per le persone; poi c'è un grandissimo squat che si chiama Prosfygika. Quindi sono più gruppi così dal basso come organizzazioni autogestite, centri sociali e poi ONG che magari hanno finanziamenti europei - non la nostra- che lavorano per far fronte a quello che il sistema di accoglienza greco non copre"* (Intervista a Matilde, 14 marzo 2024).

Lo *squat* è in sostanza un edificio pubblico, non più formalmente utilizzato, che viene illegalmente occupato da un gruppo al fine di alloggiare i richiedenti asilo, persone in difficoltà o persone che hanno scelto di condurre una vita comunitaria: si tratta di

caseggiati, scuole, hotels, svuotati del loro senso iniziale per diverse cause e ripensati con un nuovo scopo, al fine di fronteggiare una necessità sociale. Dati i rischi derivati da un'azione che si oppone sia alle forze dell'ordine sia a coloro che non vorrebbero la presenza di migranti (come i seguaci del movimento Alba Dorata⁴), gli *squats* sorgono solitamente in punti strategici, ovvero nei pressi di centri sociali o di altri edifici occupati da anarchici, al fine di poter essere difesi in caso di attacchi da parte di oppositori. Anche gli *squats*, nonostante il rifiuto all'istituzionalizzazione, prevedono un'organizzazione interna per permettere la pacifica convivenza di chi vi abita. L'organizzazione è basata sull'autonomia e sul rifiuto di aiuti da parte dello stato o di ONG e sulla collaborazione tra gli ospiti, intesa anche come solidarietà verso l'altro, in quanto tutti 'coabitanti' dello stesso luogo. Assemblee e incontri per la coordinazione e condivisione di idee o problematiche vengono organizzati periodicamente. Gli *squats* sono in genere iniziative politicamente connotate in chiara polemica con la tendenza del governo greco di eliminare dalla vista della cittadinanza la questione migratoria, confinando questi esseri umani in "spazi del fuori", i campi. Sono anche contrarie all'accordo tra Europa e Turchia stipulato nel 2016 e a precedenti accordi di questo tipo, impegnandosi contro la generale e diffusa ostilità nei confronti dei migranti, nel tentativo di dimostrare una via alternativa. Le azioni di *squatting* non hanno la pretesa di essere la soluzione definitiva al problema migratorio, ma sono una chiara dimostrazione che una Grecia e un'Europa più accoglienti e solidali sono possibili. Esse si oppongono al fallimento del governo greco e dell'Europa nella ricezione dei migranti, spesso proponenti di sistemi d'accoglienza percepiti come disumani, i quali non garantiscono condizioni di vita dignitose, puntando a confinare e a escludere, più che a accogliere⁵ (Schmidt, 2022).

4 Partito politico greco di formazione neonazista e neofascista, sciolto nel 2020 dopo la condanna come organizzazione criminale (<https://www.open.online/2020/10/07/>).

⁵ Si pensi alla costruzione dei campi di transito nati nei vari stati per alloggiare i migranti bloccati ai loro confini. Tra i molti si ricordano il campo di transito di Idomeni situato nel nord della Grecia al confine con la Macedonia, il quale nel 2016 contava anche 15.000/20.000 ospiti in condizioni di estrema precarietà; oppure il campo di Lipa al confine tra Bosnia Erzegovina e Croazia, ubicato in una zona isolata, senza elettricità e con condizioni igieniche pessime. Schmidt, D., & Palutan, G. (2022). *Narrazioni tra agency mobilità e dono. Oltre il tempo dell'attesa dei rifugiati alla 'periferia' di Roma*. Padova: Cleup sc.

Exarchia è un quartiere nel centro di Atene noto per essere fortemente influenzato e per periodi anche controllato dal movimento anarchico. Proprio in questo luogo sorge ‘l’Hotel City Plaza’: un hotel in disuso dal 2010, successivamente occupato dal 2016 al 2019 e diventato luogo per l’accoglienza di migranti. Oltre a quest’ultimi l’hotel ospitava anche un certo numero di solidali, internazionali e locali, che optavano per un periodo di vita in comune con le persone migranti, al fine di dimostrare che una convivenza armoniosa e collaborativa era possibile. Il loro slogan “*We live together, we work together, we struggle together*” evidenziava il forte sentimento di solidarietà e orrizontalità che spingeva all’occupazione di questi luoghi e alla loro difesa. Era un’idea radicale portata avanti da solidali che vedevano la possibilità di un vero e proprio cambiamento solo tramite azioni di solidarietà dal basso, talvolta battagliere anche contro le istituzioni e la legge stessa. Nel 2018, durante la ricerca di Agustín & Jørgensen, ‘l’Hotel City Plaza’ aveva ospitato nel corso del tempo circa 1700 persone, offrendo loro tra le varie cose: alloggio in stanze private per famiglie, laboratori creativi, un centro medico, una cucina in comune, un bar e corsi di lingua (Agustín & Jørgensen, 2019).

‘L’Hotel City Plaza’ è solo un esempio dei vari *squats* sorti nella capitale greca. In particolare ricordiamo Prosfygika che è un quartiere occupato, situato nell’Alexandras Avenue, ancora operativo e che sfrutta degli edifici abitativi costruiti nel 1930 per ospitare i migranti provenienti dalla Turchia. Ha una capienza di 500 posti circa e offre alloggio, spazi comuni e attività sociali a persone con trascorsi di vita differenti, tra cui i migranti. Come si legge da un appello del collettivo di Prosfygika presente nel web⁶, l’intento è anche quello di sostenere gli ospiti raccogliendo delle donazioni in grado di coprire non solo i loro bisogni primari, ma anche i costi di eventuali procedure legali per la domanda d’asilo, per le spese mediche e per le necessità dei loro bambini.

Il quartiere è suddiviso in strutture, ognuna delle quali con una funzione specifica. Ad esempio c’è la ‘struttura delle donne’ che funge da luogo di ritrovo per l’organizzazione e anche per la produzione di oggettistica da vendere al fine di ricavare qualche entrata per coprire le necessità delle donne stesse; oppure la ‘casa dei bambini’ nella quale, in uno spazio esclusivamente dedicato a loro, viene proposto un modello educativo comunitario, oltre ad attività ricreative e a corsi di greco.

⁶ L’intero documento è scaricabile dal sito: <https://network23.org/prosfygika-community/our-values-and-principles/>

Prosfygika è quindi un esempio di comunità autonoma in cui la solidarietà è vista come base per la convivenza e come stimolo per l'opposizione all'esclusione delle persone. Tralasciando le idee anarchiche e anticapitalistiche, condivisibili o meno, Prosfygika rimane un valido esempio di solidarietà autonoma con le persone migranti, ancora operativa nella capitale greca, a dimostrazione che vie alternative al confinamento e all'esclusione dei migranti sono possibili ed è attraverso l'impegno di una fetta della stessa società civile greca che tali possibilità sono state concretizzate.

Il volontariato come forma di solidarietà

Le tre organizzazioni -La Luna di Vasilika Onlus, One bridge to e Aletheia RCS - riescono a garantire le attività dei propri progetti presenti sia in Grecia che in Italia anche grazie all'importante partecipazione di volontari e volontarie che decidono di diventarne parte attiva. Diverse sono le motivazioni che li spingono a partire o a collaborare mettendo a disposizione il loro tempo, le loro abilità e il loro denaro, uscendo dalla consuetudine e entrando in un ambiente estraneo, soprattutto per coloro che trascorrono un periodo in Grecia, con lo scopo di mettersi al servizio di chi fruisce dei progetti a Atene e a Corinto. Dal sito del ministero italiano del lavoro e delle politiche sociali si ricava una definizione di volontariato che dice quanto segue: "L'attività di volontariato è la presenza prestata in modo personale, spontaneo e gratuito, tramite l'organizzazione di cui il volontario fa parte, senza fini di lucro anche indiretto ed esclusivamente per fini di solidarietà". Stando a questa definizione non rientrerebbero nella categoria dei volontari coloro che sono partiti con le associazioni sopra citate al fine di svolgere un periodo di tirocinio, poiché si discostano dal "fine unico di solidarietà". Tuttavia ho deciso di includere anch'essi nella mia ricerca, dato che all'interno delle associazioni citate i tirocinanti sono distinti solo a livello burocratico dagli altri volontari, essendo percepiti allo stesso modo e essendo chiamati a svolgere le medesime mansioni.

Nell'analisi da me condotta ho tentato di comprendere le motivazioni che spingono ragazzi e ragazze ad essere volontari e volontarie in questi progetti, approfondendo il modo in cui si sono percepiti all'interno del contesto e in relazione con le persone incontrate. Ho inoltre utilizzato le loro impressioni come spunto di riflessione per ampliare il mio ragionamento sulle pratiche solidali con i richiedenti asilo.

A tale scopo ho ideato un questionario anonimo⁷, da somministrare per via telematica a coloro che facevano parte dei progetti sopra citati, da integrare con quanto ricavato dalle mie osservazioni dirette sul campo. Le persone che hanno risposto al questionario avevano un'età compresa tra i 19 e i 28 anni, e erano presenti in Grecia tra l'anno 2020 e i primi mesi del 2024. Tra questi il 58,3 % ha trascorso un periodo in Grecia della durata di 1-2 mesi, mentre il 41,7% vi ha soggiornato tra i 3 e i 5 mesi. La maggioranza ha partecipato al progetto *Cheirapsies*, mentre il 16,7% al progetto *Meraki*.

Dalle risposte ricevute si è constatato che tra i principali motivi che hanno spinto i volontari⁸ a partire vi è l'interesse per l'ambito migratorio sia da un punto di vista umano che formativo: alcuni parlano della loro decisione di recarsi in Grecia come volontà di sperimentare concretamente quanto studiato durante il proprio percorso formativo, effettuando un tirocinio in questo ambito per comprendere meglio il contesto migratorio e la gestione dell'accoglienza dei migranti. Altri riportano invece la volontà di fare del bene rendendosi utili; altri ancora proclamano il loro distacco sia politico che ideologico da un sistema che esclude le persone migranti e da una comunicazione mediatica denigratoria che li rende numeri più che persone.

Tutti concordano di aver sperimentato un sentimento di solidarietà verso l'altro durante la propria permanenza in Grecia e alla domanda: “Cosa significa per te essere o essere stato solidale?” In molti hanno risposto facendo riferimento al concetto di ascolto e di aiuto. Hanno sottolineato che la solidarietà non è stata solo distribuire aiuti materiali ai migranti, anche se utili indubbiamente, ma offrire supporto emotivo, nel tentativo di portare un po' di leggerezza in un periodo particolarmente complesso delle loro vite tramite un rapporto incentrato sul rispetto, sulla fiducia e sulla amicizia. Sempre nei limiti di quanto era possibile fare in quel contesto e secondo i ruoli da rispettare all'interno delle organizzazioni.

Ho posto la stessa domanda anche a Matilde, la coordinatrice di *Cheirapsies*, che ha risposto citando le parole proprio di un richiedente asilo: “*Ah questo posto è bellissimo perché qua si imparano tante cose e si impara a vivere per gli altri.*” (Intervista a Matilde,

⁷ Le domande del questionario sono presenti in appendice.

⁸ Per praticità e fluidità del discorso utilizzerò nel corso del testo i termini declinati al maschile, ma la volontà è quella di includere: volontari, volontarie e volon*ar*.

14 marzo 2023). Matilde si rispecchia molto in quest'affermazione. Per lei, che ha stravolto la sua vita per mettersi a sostegno dei migranti in Grecia, la solidarietà è: *“Cercare di dare all'altro quella possibilità di vivere un livello di vita degno di un essere umano. Considerando appunto che la mia vita è fatta di privilegio, cercare di abbassare un po' il livello di disuguaglianza che la società impone. Vivendo, o meglio lavorando affinché questo avvenga.”* (Matilde, ibidem)

Ritornando al questionario rivolto esclusivamente ai volontari, alcuni sostengono di non essersi sentiti solidali in modo equo, non tanto a livello di distribuzione dei beni materiali o servizi, in cui l'equità era garantita, ma a livello di interazioni informali dove non sempre c'era la possibilità o la volontà di interagire con tutti allo stesso modo, poiché influivano simpatie, il grado di frequentazione dei centri, il 'tempo libero' a disposizione dei volontari, la facilità di conversazione con alcune persone rispetto ad altre. È anche vero che però non tutti gli ospiti vivevano il centro allo stesso modo. Per alcuni la frequentazione degli spazi era limitata alla volontà di trovare un po' di tranquillità in un luogo confortevole, di conseguenza non vi era nemmeno la volontà di avere delle conversazioni con i volontari, oltre i convenevoli.

Le risposte raccolte sottolineano la varietà delle interazioni e delle tipologie di comunicazione instaurate con i richiedenti asilo all'interno dei centri proprio per l'influenza di diversi fattori come la conoscenza di una lingua in comune, l'età, il grado di frequentazione del centro, il carattere sia del volontario che del richiedente asilo, il genere delle persone, gli interessi comuni. Si passa dai convenevoli per pura cordialità a rapporti più profondi, definiti dai volontari come amichevoli, caratterizzati dall'empatia, dal racconto, dal mutuo scambio di storie, di idee e di punti di vista. Alcuni volontari sottolineano anche l'importanza di mantenere un giusto equilibrio tra il trasporto emotivo e il ruolo professionale che si ricopre in quel contesto. Per cui i rapporti instaurati non devono creare fraintendimenti o false aspettative, nel rispetto delle linee guida fornite dalle organizzazioni stesse e finalizzate al bene dei richiedenti asilo.

Per quanto riguarda la percezione che i volontari hanno dei progetti di cui hanno fatto parte, tutti concordano che l'impatto nella vita dei richiedenti asilo sia stato positivo, nonostante alcune problematiche di cui parleremo in seguito. Oltre la distribuzione di beni, i servizi offerti sono pensati e gestiti in modo da ricreare una sorta di quotidianità scandita da impegni, appuntamenti e regole condivise. I progetti diventano dunque dei punti fermi

in quella precisa tappa del viaggio del migrante aiutandolo a pensarsi come ‘altro’ e non solamente come un richiedente asilo.

Dai questionari emergono anche delle problematiche che sono insite nella tipologia dei centri stessi. Innanzitutto non sempre i volontari sono capaci di mantenere le giuste distanze con i richiedenti asilo, creando talvolta rapporti troppo diseguali con le diverse persone o troppo intimi producendo tensioni e malumori. Nei centri inoltre si vive un confronto diretto tra i privilegi e le fortune dei volontari e le condizioni instabili e difficili in cui vivono i richiedenti asilo. Questo genera dei dolorosi confronti, soprattutto tra coetanei, che porta talvolta all’aumentare della frustrazione più che del conforto. Nel centro di Corinto vi è un continuo ricambio di volontari⁹ e le partenze generano spesso ulteriore sofferenza e stress nei richiedenti asilo. Oltre alla mancanza emotiva generata dalla lontananza, la dipartita dei volontari mette ancora più in risalto le disparità: essi hanno la possibilità di muoversi liberamente tra i confini dei vari stati, mentre le persone migranti hanno intrapreso lunghi e pericolosi viaggi per poter giungere in Grecia (tra l’altro tappa spesso non definitiva)¹⁰ e, una volta arrivati dove sperato, c’è il rischio che rimangano intrappolati nel confine più duro da oltrepassare, quello invisibile situato nella mente delle persone e riscontrabile nei pregiudizi (Khosravi, 2019). Per di più alcuni volontari esprimono le loro perplessità riguardo all’approccio delle ONG stesse, accusatrici di un sistema d’accoglienza, del quale però fanno parte e con il quale collaborano. Spesso esse rischiano di fornire dell’assistenzialismo noncurante del potenziale agentico dei migranti stessi. Questo non fa che aumentare il senso di disparità e una visione del migrante che non tiene conto del suo valore come persona.

In conclusione, anche il volontariato può essere inteso come una concretizzazione del sentimento di solidarietà verso l’altro che, nel caso della mia ricerca, è costituito dai ri-

⁹ Solitamente chi viene affidato al progetto *Meraki* rimane in Grecia per un periodo più lungo rispetto agli altri volontari, perché i servizi offerti sono più complessi e richiedono più tempo di apprendimento.

¹⁰ I turisti, in questo caso i tirocinanti o i volontari, si muovono perché trovano che il mondo alla loro portata, pensabile in scala globale, sia attraente; i vagabondi si muovono perché trovano che il mondo alla loro portata, pensabile solo in scala locale, sia inospitale fino ai limiti della vivibilità. Bauman, Z. (2001). *Dentro la globalizzazione*. Traduzione di Pesce, O. Roma-Bari: Laterza.

chiedenti asilo. Si tratta di un tipo di solidarietà che mira all'accrescimento del bene condiviso, ma che non prevede quel grado di orizzontalità ricercato nell'azione di *squatting*. I volontari che prendono parte ai progetti delle ONG hanno un ruolo preciso e il loro posizionamento è, nonostante la non intenzionalità, verticale rispetto ai migranti. Tale disparità è un aspetto negativo, anche se è dovuta a una circostanza esterna sulla quale il volontario ha poco spazio d'azione e che gli ha permesso di essere parte dei progetti stessi. È quindi apprezzabile la presa di coscienza di tale privilegio e la scelta di utilizzarlo per mettersi a servizio gratuitamente di chi si trova in un momento della vita difficile, in nome di un sentimento di solidarietà.

Tra solidarietà e diffidenza

Nel sotto capitolo precedente ho tentato di analizzare il progetto *Cheirapsies* da un punto di vista interno, coincidente con quello degli stessi volontari. Ora è utile comprendere come percepiscono il progetto gli abitanti di Corinto, luogo dove esso è collocato, e se in qualche modo anche loro sperimentano o hanno sperimentato forme di solidarietà nei confronti dei richiedenti asilo.

Come riportato nel capitolo II, il campo di accoglienza di Corinto è sorto nel 2019 e nell'anno successivo le organizzazioni citate si sono adoperate per la creazione di un centro d'aggregazione e di appoggio per le persone alloggiate all'interno del medesimo campo. Durante un'intervista, Lorenzo mi ha rivelato le difficoltà inizialmente riscontrate nel momento dell'avviamento del progetto, dovute alla pandemia di Covid-19 e alla diffidenza e la rabbia degli abitanti di Corinto, che avevano visto sorgere un grande campo d'accoglienza a pochi passi dal centro della loro città. Di conseguenza la rabbia e l'ostilità si riversavano anche su coloro che si proponevano di sostenere i richiedenti asilo. Lorenzo riporta che quasi nessun abitante di Corinto da lui incontrato era favorevole all'apertura del campo d'accoglienza o del centro di aggregazione e racconta:

"Fai conto che io ho visitato 27 spazi per riuscire ad avere quello che poi abbiamo preso. E non perché non ci fossero spazi vuoti a Corinto, lo vedi anche tu, è pieno di spazi vuoti, ma perché tutti molto disponibili e contenti di affittare i propri spazi, ma alla domanda: "Che cosa volete fare qui?", con la risposta: "ONG" quando andava bene mi sbattevano la porta in faccia, se andava male mi sono

preso anche dei bei insulti o minacce varie. [...] Dopo l'apertura del primo spazio i volontari stessi quando camminavano per strada ricevevano male parole; non era facile. [...] Nel frattempo, chiaro, le persone di questo quartiere iniziarono a vederci, a capirci e alcuni di loro hanno avuto anche la capacità e la voglia di farci delle domande. Quindi abbiamo conosciuto delle persone meravigliose: da Spyros a Katerina, a Dimitri un ex professore di inglese. Insomma, diciamo che piano piano gli abitanti di Corinto hanno iniziato a capirci. Soprattutto abbiamo cercato sempre di portare molto rispetto a queste persone, perché io ancora oggi non ne faccio una colpa, le capisco, non le condivido, ma le capisco. [...] Abbiamo cercato anche di dimostrare loro che potevamo sembrare forse un problema ai loro occhi, ma in realtà potevamo essere una risorsa. Quindi abbiamo innanzitutto aperto le porte anche a tutti i greci e ancora oggi ne sosteniamo alcuni con la distribuzione di cibo principalmente e poi per la ristrutturazione dei locali siamo andati ad acquistare il materiale dai venditori di Corinto, nonostante magari la minore convenienza" (Intervista a Lorenzo, 15 dicembre 2023).

Successivamente, data la grande frequentazione del centro nel corso già dei primi mesi, è emersa la necessità di creare uno spazio nuovo, l'ex bar successivamente ristrutturato, dove sorge ancora oggi *Cheirapsies*.

Per quanto riguarda la situazione attuale, Matilde riscontra un sentimento altalenante e duale dei corinzi nei confronti del centro e del campo. Alcuni si dimostrano solidali e, tramite piccole azioni, concretizzano tale tendenza, come ad esempio Spyros e Katerina che abitano proprio di fronte al centro e che lasciano pranzare i volontari nella loro scalinata d'ingresso e non perdono l'occasione di dimostrare la loro disponibilità e cordialità oppure, come spiega Matilde:

"Gli aiuti provengono dal singolo che magari conosce il nostro progetto e ci vuole dare una mano, quindi si muove per raccogliere vestiti o ci chiede di cosa abbiamo bisogno. Per esempio adesso sono in contatto con una professoressa di un liceo che ci vuole portare a scuola per presentare il progetto" (Intervista a Matilde, 14 marzo 2024).

Altri invece esprimono il loro sentimento di contrarietà nei confronti della presenza di persone migranti a Corinto; questo di conseguenza genera dei malumori anche riguardo l'esistenza del progetto stesso, in quanto frequentato da persone migranti. Per il momento tale ostilità non ha mai raggiunto il sabotaggio del centro in termini fisici, ma sono state indirizzate critiche e lamentele.

Matilde aggiunge che, a parer suo, molti corinzi sono ignari della presenza del campo d'accoglienza:

"Perché mi capita spesso di parlare con persone che mi confermano questa cosa. Ad esempio la ragazza che insegna greco¹¹ mi ha detto che moltissimi suoi conoscenti o amici non sanno del campo, oppure le persone che a volte si fermano e ci chiedono: "Che fate? Cos'è questo posto?". Quindi mi vien da pensare che il governo o il comune tendano a tenere un basso profilo, quindi non far sapere cosa c'è. Vero anche che però le persone girano, si vedono. Per esempio di sabato al mercato, sarà capitato anche a te di vedere molte facce note che vanno a fare la spesa. Però magari nella parte più centrale, dove ci sono i caffè, non è una zona frequentata da loro e quindi parte della società di Corinto non si interroga e non conosce" (Matilde, ibidem).

Tuttavia Matilde specifica anche:

"Sono più le persone che ci mostrano solidarietà e interesse per quello che facciamo. Quindi penso a tutte le persone che ci lasciano vestiti o donazioni; che si fermano e ci chiedono. Ormai essendo radicati sul territorio ci conoscono e se andiamo ad aggiustare una cosa in un negozio, magari non ce la fanno pagare o ci fanno uno sconto. C'è un vicino che ci porta tutti i giorni le arance. Quindi ci sono persone che nel loro piccolo ci mostrano solidarietà" (Matilde, ibidem).

Atti di solidarietà che sono aumentati rispetto al passato, però che non prevedono un'interazione diretta con i richiedenti asilo, mantenendo sempre un certo distacco. Questo è quindi il prossimo obiettivo di *Cheirapsies*: riuscire ad essere il punto di incontro iniziale

¹¹ È una giovane volontaria originaria di Corinto che si spende per insegnare greco ai richiedenti asilo. Attualmente è l'unica persona della città che si è offerta di partecipare attivamente al progetto.

affinché le persone migranti e gli abitanti di Corinto inizino a stringersi le mani veramente, citando il significato del nome del progetto al fine di superare le barriere della paura e della diffidenza, frutto probabilmente di una non reciproca conoscenza.

Osservazioni critiche

Diversi ricercatori nel corso del tempo e in riferimento a molteplici contesti hanno evidenziato degli aspetti di criticità nella pratica della solidarietà, soprattutto se tali azioni sono raggruppabili sotto la tipologia di approccio denominata ‘umanitaria’. Nella rete di aiuti per i migranti e rifugiati partecipano infatti non solo le pubbliche istituzioni, ma anche ONG e altri attori che possono includere singoli individui che assumono il ruolo di volontari, movimenti sociali e gruppi religiosi. Ambrosini esplicita che tutti questi attori ‘non pubblici’ forniscono un sostegno in cui sono state individuate diverse criticità e che sono stati racchiusi dai ricercatori sotto l’ampia etichetta di ‘umanitarismo’. In particolare, si denuncia la tendenza di questi ‘attori umanitari’ a dipingere il rifugiato come una vittima vulnerabile e fragile, talvolta fino a farlo apparire come un “corpo muto”(Rajaram 2002 citato in Ambrosini, 2022 pag. 2), privo di voce e personalità e di conseguenza anche di dignità (Ambrosini, 2022).

La neutralizzazione delle caratteristiche dei singoli migranti portata avanti dall’approccio ‘umanitario’ è stata riscontrata anche nel momento della distribuzione del cibo nei campi profughi. Elizabeth Cullen Dunn lo ha definito infatti “anticibo”, perché mira a “promuovere la passività, evidenziare l’assenza e esacerbare la perdita” (Cullen Dunn 2011 citata in Schmidt & Palutan, 2022 pag. 195). Il cibo è sicuramente uno dei punti su cui ‘l’aiuto umanitario’ si concentra maggiormente, ma anche nell’atto della sua distribuzione si dovrebbe tenere a mente che esso è destinato a persone con gusti, preferenze e usanze spesso differenti da quelli dell’orizzonte culturale degli ‘attori umanitari’, o se donato, dei donatori. Di conseguenza non tutto il cibo è accettato e apprezzato allo stesso modo. Influenti a tal proposito sono anche le modalità con cui il cibo è distribuito o l’imballaggio in cui è contenuto. Un cibo poco identificabile o sconosciuto è trattato con più diffidenza e

disprezzo rispetto ad uno già utilizzato nella cucina tradizionale del migrante¹² (Schmidt & Palutan, 2022).

Fassin, a proposito dell'‘umanitarismo’, aggiunge che: *“Humanitarianism has this remarkable capacity: it fugaciously and illusorily bridges the contradictions of our world, and makes the intolerableness of its injustices somewhat bearable”* (Fassin 2012 in Ambrosini, 2022 pag. 3). In quest’ottica quindi le ‘azioni umanitarie’ riescono a nascondere la crudeltà delle ingiustizie del nostro mondo rendendole più accettabili. Da considerare però che si tratta di semplici e fugaci illusioni, non di un vero e proprio mutamento della situazione in positivo.

Harrell-Bond evidenzia anche che la stigmatizzazione dell’immagine del rifugiato proposta nella comunicazione mediatica da parte di ‘attori umanitari’, al fine di raccogliere la maggior quantità di fondi possibile, influisce nell’immagine mentale che le persone si costruiscono dei migranti stessi e che utilizzano come metro di paragone per decretare chi è un ‘vero’ migrante ‘bisogno di aiuto’ e chi no (Harrell-Bond, 2013). Il rifugiato, per apparire onesto, deve necessariamente sembrare una vittima in preda alla disperazione, in condizioni di povertà e quasi privo di qualsiasi capacità. Come spiega l’antropologo Khosravi, che ha intrapreso in prima persona un viaggio migratorio dall’Iran alla Svezia:

“Il processo di “profughizzazione” inizia appena si mette piede in un campo. In quello artico io sono stato addestrato a diventare una “vittima”. Nessuna delle mie esperienze passate: la fustigazione, il carcere, un anno di vagabondaggi “illegali” era riuscita a privarmi della mia dignità. È stato il campo a togliermela. Fino ad allora avevo perso uno stato di riferimento con i suoi diritti di cittadinanza, ma non avevo perso la voglia di vivere, la forza di volontà e il coraggio. Il processo di “profughizzazione” mi ha tolto tutto questo” (Khosravi, 2019).

¹² Anche nella mia ricerca sul campo in Grecia ho riscontrato che se un cibo non è in qualche modo visibile o ben identificabile, difficilmente verrà scelto o accettato. Durante i miei turni al *free shop* ho osservato che i richiedenti asilo sceglievano sempre le lattine di legumi che riportavano un’immagine veritiera del contenuto, scartando invece quelle con un imballaggio monocromatico o con un’immagine stilizzata dell’interno. Inoltre, accettavano solo prodotti che presentassero un imballaggio completamente integro e originale. Ad esempio alcuni volontari avevo preparato dei sacchetti di farina sfusa, ma molto difficilmente essi venivano accettati.

Un processo quindi che porta alla perdita di sé per iniziare a interpretare un ruolo, quello di vittima, che rischia di essere totalmente interiorizzato.

Anche nel corso di alcuni dialoghi informali con dei ragazzi frequentatori del centro, è emerso che durante l'intervista nella quale è deciso il destino della domanda d'asilo, i richiedenti siano al corrente di quale sia il 'giusto' comportamento da tenere al fine di avere maggiori possibilità di accettazione della domanda. Nel tentativo di suscitare un certo sentimento di compassione nella commissione si devono mostrare principalmente come vittime indifese, fortemente turbate dal loro passato e da quanto hanno vissuto lungo il viaggio. Questo non per sminuire le sofferenze, i soprusi, le difficoltà incontrate sia nel loro luogo di partenza che durante il viaggio, ma per sottolineare come, chi lavora con i migranti si aspetti da loro un determinato comportamento e atteggiamento. A tal punto che la non congruenza con questi criteri autoimposti possa intaccare negativamente il responso della richiesta d'asilo.

In alcuni casi la stessa strategia di vittimizzazione era talvolta utilizzata anche con noi volontari del centro, al fine di ottenere qualche tipo di favoritismo o per tentare di trasgredire alcune regole.

In aggiunta, tra i principali punti critici degli 'aiuti umanitari', si individua la distribuzione di beni materiali e immateriali, pensati come doni da 'benefattori' indirizzati a persone bisognose, i quali diventano generatori di disparità, se non ricambiati. Tra i primi ad analizzare i meccanismi che si instaurano nel momento dello scambio di doni vi è Marcel Mauss, il quale individuò nell'atto del donare la creazione di una relazione di potere tra il donatario e il ricevente. Quest'ultimo può essere infatti impossibilitato o non intenzionato a ricambiare il dono ricevuto e di conseguenza la sua posizione all'interno della relazione con l'altro diventa di subordinazione e dipendenza (Mauss, 1925).

A tal proposito, Rozakou, durante la sua ricerca in Grecia del 2000, ha studiato il *gift taboo* radicato nella sensibilità delle persone greche che si spendevano per aiutare in particolare i rifugiati, il quale sembrava far direttamente riferimento alle concezioni maussiane riguardanti il dono, oltre che a una percezione peculiare di esso derivante dalla stessa tradizione greca¹³.

¹³ Rozakou nella sua ricerca tenta di spiegare anche perché nella società greca si sia fortemente radicata questa avversione al dono. In particolare, donare era visto in passato come simbolo di onore e generatore di gerarchie e quindi si iniziò a rifiutare il dono come segno di distanza da tali concetti, per abbracciare invece quelli di libertà e autonomia. Quest'ultimi non in riferimento ai

Inizialmente gli aiuti puntavano al più totale rifiuto della distribuzione di beni materiali al fine di tentare di instaurare dei rapporti incentrati sull'uguaglianza. Le ONG nel corso degli anni si sono adoperate per differenziarsi da aiuti di stampo caritatevole, visti come l'apice della disuguaglianza; tuttavia anche se le ONG hanno iniziato a limitare i beni materiali prediligendo aiuti immateriali, quest'ultimi erano ugualmente categorizzabili come doni e quindi generatori di disparità (Benthall 2001 citato in Rozakou, 2016 pag. 192).

Interessante è anche il concetto di *filoksenia*, che significa 'ospitalità' in greco, percepita come una virtù nazionale e utilizzata in passato dalle istituzioni greche per far apparire accogliente e rispettoso dei diritti umani il proprio modello di ospitalità nei confronti dei migranti. Tuttavia, Rozakou ha evidenziato le criticità del concetto stesso di *filoksenia*, poiché portatore di un sentimento di superiorità e di potere dell'ospitante rispetto all'ospite, quest'ultimo anche percepito come privo di potere d'azione (Rozakou, 2012). Ambrosini, citando studi di altri ricercatori¹⁴, evidenzia come gli aiuti umanitari siano in primo luogo sospinti da interessi personali come la necessità di uscire dalla consuetudine, di sentirsi utili o di riconoscersi parte di un gruppo. Gli atti solidali sono quindi percepiti come atti di "altruismo egoistico" (Chouliaraki 2013 in Ambrosini, 2022 pag. 4) che puntano ad accrescere l'autostima e la percezione del valore personale. Questo è infatti dimostrato dalla pretesa di alcuni operatori umanitari di ricevere segnali di gratitudine (Moulin in Ambrosini, 2022 pag.4), anche molto evidenti, in risposta al loro operato. Al contrario, la non cooperazione, il rifiuto e le lamentele sono visti come manifestazioni di irricoscenza rispetto a quanto si è ricevuto (Ambrosini, 2022).

La questione dell'aiuto umanitario allora diventa molto delicata e controversa e dovrebbe spingere coloro che operano in questo settore a vari livelli a porsi delle domande, al fine di poter indirizzare i propri sforzi in modo corretto, evitando di ottenere l'effetto opposto a quello desiderato: "Qual è il modo migliore per aiutare? Che tipo di aiuto offrire? Qual

donatori, ma ai riceventi. Rozakou, K. (2016). "Sociality of solidarity: revisiting the gift taboo in times of crisis". In *Social Anthropology: Volume 24, Issue 2*.

¹⁴ Particolarmente interessante è a tal proposito *The need to help: The domestic arts of international humanitarianism*. Nel quale l'autrice analizza le azioni solidali come utili in primo luogo al benefattore, al fine di poter colmare dei propri bisogni esistenziali. Malkki, L. H. (2015). *The need to help: The domestic arts of international humanitarianism*. Durham: Duke University Press.

è la soglia della quantità di aiuto che si può porgere senza creare danni? Chi è giusto aiutare? Perché voglio offrire il mio aiuto?”

Domande alle quali è molto complicato rispondere univocamente, ma che sono davvero essenziali per riuscire ad orientare in modo sensato le proprie azioni, nel tentativo di non creare delle situazioni spiacevoli e che danneggiano chi ci si prefiggeva di aiutare.

Come spunto di riflessione conclusiva riporto le parole di un rifugiato intervistato da Harrell-Bond che propone la sua visione riguardo il giusto modello d'accoglienza delle persone migranti:

"Dopo un viaggio lungo e spaventoso [...] il rifugiato deve rendersi conto di essere arrivato a destinazione in modo graduale. Deve essere mantenuto quasi "in corsa". Dovrebbe essere aiutato in modo non invasivo, in modo che possa crearsi egli stesso una propria casa. Sentirà che gli appartiene e ne avrà cura. Questo lo aiuterà a riscoprire sé stesso. "Dopo una tale prova, riesco ancora a fare qualcosa. Forse non sono completamente morto. No, continuo ad essere la stessa persona". Solo una situazione come questa permetterà al rifugiato di costruire una base solida per la propria assistenza, attraverso i propri sforzi. [I programmi dovrebbero] essere definiti solo dopo aver fatto interviste sul posto ai rifugiati e dopo avere valutato attentamente i loro particolari problemi in quanto individui e in quanto gruppo [...]. La soluzione è di dare più responsabilità ai rifugiati per quanto riguarda le questioni dell'assistenza, devono essere assistiti in modo marginale per permettere loro di assistersi totalmente" (Harrell-Bond, 2013).

È quindi estremamente importante iniziare a tenere conto anche della voce e delle capacità delle persone migranti, in quanto individui in grado di scegliere e di assumersi la responsabilità della gestione delle loro vite.

REFLEXÕES FINAIS

Nesta dissertação, escolhi analisar o conceito de ‘solidariedade’ a partir do estudo de algumas práticas concretamente realizadas com requerentes de asilo na Grécia, a fim de evidenciar as múltiplas formas nas quais este conceito pode ser concretamente experienciado. Para tal optei primeiro por delinear especificamente o contexto que teria analisado, enquadrando-o como a fase inicial da transnacional rota dos Balcãs e em seguida, especificando os números e as características dos migrantes que atravessam as fronteiras gregas, oferecendo uma comparação entre o ano 2015 e a atualidade. Verificou-se que hoje o número de entradas de migrantes regista uma descida significativa, devida também ao progressivo endurecimento das fronteiras e aos acordos que foram estabelecidos pela UE com a Turquia e com Frontex. Apesar disso o número de entradas, especialmente por via marítima, continua ser considerável e, além disso, com a Convenção de Dublin III, todas as pessoas que são identificadas na Grécia têm necessariamente de apresentar um pedido de asilo nesse país e ser assistidas pelas instituições gregas ao longo de todo o processo(ou seja, o pedido de proteção internacional, a decisão da comissão, o eventual recurso). Esta situação sobrecarrega particularmente o modelo de acolhimento oficial concebido pelo governo grego, que se revela problemático.

Nesta intrincada situação sociopolítica inserem-se as acções de solidariedade que analisei no meu trabalho: tentativas para diminuir o sentimento de desigualdade e de injustiça que é gerado pelas faltas governamentais e europeias, em nome de um sentimento de solidariedade comum, mas não igual.

Mas o que é a solidariedade? É difícil oferecer uma definição completa e, honestamente o objetivo da minha pesquisa não era chegar a uma explicação exaustiva e teórica do conceito; mas sinto que posso sublinhar a subjetividade da interpretação da solidariedade. Como Totaro explicou: “O termo solidariedade tem uma ampla profundidade semântica que se refere a numerosos conceitos relacionados, como por exemplo: a prossecução dos ideais, benevolência, pertença a um género, fraternidade, serviço, amor, doação. Nuances que podem contribuir para a formação prática de um mesmo acto de solidariedade. Mas o conceito comumente partilhado é que à base do acto de solidariedade tem a ideia de perseguir um bem comum de alguma forma partilhável” (Totaro, 2001).

Por conseguinte parece que a solidariedade seja um sentimento subjetivamente mutável, como demonstraram os resultados do questionário dirigido aos voluntários que participaram nos projectos *Cheirapsies* e *Meraki*.

Diferentes significados atribuídos ao conceito de solidariedade surgiram combinando e comparando as suas respostas. Para eles, a solidariedade com os requerentes de asilo concretiza-se em diferentes acções: ajuda, escuta, apoio emocional, respeito, amizade, dissidência e serviço aos outros. Este conceito apresenta também outras formas e significados quando é concebido pelos colectivos que realizam acções de *squatting*. Neste caso a solidariedade refere-se aos conceitos de horizontalidade, de partilha, de autonomia, de luta, de contraste político, de vontade de encontrar percursos alternativos.

Além disso, a investigação de Fotaki e as minhas reflexões sobre a relação dos habitantes de Corinto com o projeto *Cheirapsies* e seus frequentadores mostraram que a solidariedade não é vivida por todos de mesma forma e ao mesmo tempo, mas que, pelo contrário, pode aparecer, desaparecer ou mesmo nunca se manifestar, dependendo das circunstâncias externas e do indivíduo.

Augustín e Jørgensen também tentaram categorizar a multiplicidade de práticas de solidariedade com os requerentes de asilo em três macro categorias: solidariedade autónoma, solidariedade cívica e solidariedade institucional. Além disso, as reflexões de Rozakou enriquecerem a minha dissertação oferecendo também uma visão diacrónica da mudança da solidariedade com os migrantes na Grécia depois da modificação das circunstâncias externas: um exemplo é o desaparecimento do *gift taboo* durante a ‘crise migratória’.

Todavia o debate sobre as doações entre ‘benfeitores’ e migrantes continua a ser atual, porque elas são vistas como geradoras de desigualdade e disparidade.

A dissertação também oferece outros pontos de vista críticos em relação à abordagem ‘humanitária’ com os migrantes, porque emergiu que eles são vistos apenas como vítimas indefesas, incapazes e completamente dependentes da ajuda externa para sobreviver. Esta vitimização acaba por ser interiorizada pelos próprios migrantes e causa neles vários danos emocionais e psicológicos (Harrell-Bond, 2013).

Interessante é mesmo a reflexão de Ambrosini, que vê a solidariedade como um gesto egoísta que visa eliminar lacunas na vida dos solidários e não na vida dos próprios migrantes.

Em suma: a minha dissertação visa oferecer múltiplas perspectivas sobre a complexa questão da solidariedade com os requerentes de asilo, a qual é vista como um conceito interiorizado e gerador de práticas concretas. Trata-se de acções que tentam opor-se, apesar de alguns erros e faltas, à lógica da discriminação e da exclusão dos migrantes. Acções diferentes com um grau de compromisso em vários níveis, implementadas frequentemente pelas pessoas ‘comuns’ que, movidas por um sentimento de solidariedade, são capazes e têm a coragem de olhar para além da diversidade para empreender um caminho contra corrente. É também importante acrescentar que o meu trabalho apresenta só algumas das acções de apoio aos requerentes de asilo feitas pelas pessoas ‘comuns’ em solo grego. De facto em outros estados e em outros contextos existem movimentos semelhantes. Menciono, entre muitos, a ajuda oferecida pelos solidários aos migrantes em Ventimiglia; o centro ‘Baobab Experience’ em Roma, que depois do seu fechamento se tornou uma associação de apoio aos migrantes reunidos em acampamentos informais na capital; os habitantes do vale de Susa que ajudavam os migrantes que tentavam chegar a França atravessando as montanhas (Schmidt & Palutan,2022). Estas são acções de solidariedade, realizadas fora do sistema de acolhimento oficial, que têm como objetivo aproximar as pessoas, a compreensão, a partilha, na perspetiva de uma fronteira “tecedora de relações” e não apenas de exclusão (Schmidt,2022).

RIFLESSIONI CONCLUSIVE

In questa tesi mi sono proposta di analizzare il concetto di solidarietà a partire dallo studio di alcune pratiche messe in atto con i richiedenti asilo in Grecia, al fine di mettere in luce le molteplici forme nelle quali questo concetto può essere concretamente sperimentato. A tale scopo ho innanzitutto scelto di delineare nello specifico il contesto che mi sarei apprestata ad analizzare, inquadrandolo come tappa iniziale della transnazionale rotta balcanica e successivamente entrando più nel dettaglio riguardo le caratteristiche dei migranti che varcano i confini greci, offrendo un confronto tra il 2015 e oggi. Ne è emerso che i numeri di migranti in ingresso presentano un calo, dovuto anche al progressivo rafforzamento dei confini e agli accordi stipulati dall'Unione Europea con la Turchia e dall'implementazione avviata da Frontex. Tuttavia i numeri degli ingressi, soprattutto via mare, rimangono comunque considerevoli e per di più con la convenzione di Dublino III, attualmente ancora in vigore, tutti coloro che sono identificati in Grecia (come del resto in Italia o in qualunque paese di primo approdo) devono necessariamente fare domanda d'asilo in quel paese e essere presi a carico dalle istituzioni greche durante tutto il processo (ossia la domanda di protezione internazionale, la decisione della commissione, l'eventuale ricorso). Questa situazione grava particolarmente sul modello d'accoglienza ufficiale ideato dal governo greco, che nella messa in pratica presenta delle problematiche. Proprio all'interno di questa situazione socio-politica intricata che ormai dura da anni, si inseriscono le azioni solidali che ho esaminato nel mio elaborato: tentativi finalizzati a diminuire il senso di disparità e di ingiustizia generati dalle mancanze governative ed europee, in nome del comune, ma non uguale sentimento di solidarietà.

Ma cos'è la solidarietà? È difficile offrirne una definizione completa e onestamente lo scopo del mio elaborato non era quello di giungere a una spiegazione esaustiva e teorica del concetto; mi sento di ribadire tuttavia il carattere di soggettività dell'interpretazione. Come è stato proposto da Totaro il termine 'solidarietà' ha uno spessore semantico ampio che va a toccare numerosi aspetti attinenti, che rimandano alla sfera del perseguimento di ideali comuni, alla benevolenza, all'appartenenza di un genere, alla fratellanza, al servizio, all'amore, al dono. Queste sono sfaccettature che possono tutte concorrere alla formazione pratica di un medesimo atto di solidarietà. Sicuramente il concetto comunemente

riconosciuto è che alla base dell'atto di solidarietà c'è il perseguimento di un bene comune in qualche modo partecipabile (Totaro, 2001).

Si evince che la solidarietà sia un sentimento soggettivamente mutevole, proprio come si è dimostrato dal questionario rivolto ai volontari che hanno partecipato a *Cheirapsies* e a *Meraki*. Dall'unione e dal confronto delle loro risposte sono emersi diversi significati attribuiti a questo concetto. Per loro la solidarietà nei confronti dei richiedenti asilo prende forma in diverse pratiche come l'aiuto, l'ascolto, il supporto emotivo, il rispetto, l'amicizia, il dissenso, il servizio per gli altri. Tale concetto inoltre assume ulteriori forme e valenze se analizzato dal punto di vista dei collettivi che attuano azioni di *squatting*. In questo caso la solidarietà richiama i concetti di orizzontalità, condivisione, autonomia, lotta, contrasto politico, volontà di trovare vie alternative. La ricerca di Fotaki e le mie riflessioni riguardo l'approccio che gli abitanti di Corinto hanno avuto nei confronti del progetto *Cheirapsies* hanno dimostrato come la solidarietà non sia sperimentata da tutti allo stesso modo e nello stesso momento, ma contrariamente può apparire, svanire o addirittura non manifestarsi mai, anche proprio in base al variare delle circostanze esterne. Augustín e Jørgensen hanno cercato di racchiudere la molteplicità delle pratiche solidali con i richiedenti asilo in tre macro categorie: la solidarietà autonoma, la solidarietà civica e la solidarietà istituzionale. In aggiunta le riflessioni di Rozakou hanno offerto una visione diacronica di come la solidarietà nei confronti dei migranti in Grecia sia mutata al variare delle circostanze: esemplare è la scomparsa del *gift taboo* durante la "crisi migratoria" del 2015.

Il dibattito riguardante lo scambio di doni tra donatori e migranti rimane però attuale, in quanto è visto come generatore di disparità e disuguaglianza.

La tesi si sofferma anche su altre visioni critiche riguardo l'approccio di stampo 'umanitario' con i migranti che vengono rappresentati come vittime indifese, incapaci e completamente dipendenti da aiuti esterni per sopravvivere. Questa vittimizzazione finisce per essere interiorizzata dalle persone migranti stesse ed è la causa di diversi danni emotivi e psicologici (Harrell-Bond, 2013). Interessante è lo spunto di riflessione offerto da Ambrosini, il quale vede la solidarietà come un gesto egoistico che punta a colmare dei vuoti nelle vite dei solidali piuttosto che nei migranti stessi.

Riassumendo: la mia tesi vuole quindi offrire molteplici spunti di riflessione riguardo al complesso tema della solidarietà, vista come concetto interiorizzato e generatore di pratiche concrete. La solidarietà riguarda azioni che tentano di opporsi, nonostante alcuni errori e mancanze, alla logica di discriminazione ed esclusione delle persone migranti. Azioni differenti e con un grado di impegno su più livelli, sono spesso messe in atto da persone ‘comuni’ spinte da un sentimento di solidarietà e che hanno avuto il coraggio di guardare al di là delle diversità per intraprendere un percorso controcorrente. È importante anche aggiungere che il mio elaborato mette in luce solamente alcuni dei vari movimenti dal basso a sostegno dei richiedenti asilo presenti in Grecia. Azioni simili erano e sono diffuse anche in altri stati e contesti. Cito, tra i molti, il sostegno offerto nel 2015 dal collettivo “No Borders” ai migranti bloccati a Ventimiglia al confine francese; il centro ‘Baobab Experience’, a Roma, diventato successivamente un’associazione a supporto dei migranti costretti a vivere in accampamenti informali nella capitale; alcuni abitanti della Val di Susa che hanno offerto ospitalità a quanti tentavano di raggiungere la Francia attraversando i valichi montuosi (Schmidt & Palutan, 2022). Tutte azioni di solidarietà, attuate al di fuori del sistema di accoglienza ufficiale, che puntano all’incontro, alla comprensione, alla condivisione, nell’ottica di una frontiera “tessitrice di relazioni” e non solo di esclusione (Schmidt,2022).

APPENDICE

Quesiti posti ai volontari e alle volontarie che hanno partecipato ai progetti Cheirapsies e Meraki

1. In che genere ti identifichi?
2. Quanti anni hai?
3. In che anno hai effettuato volontariato o un tirocinio presso La Luna di Vasilika Onlus/One Bridge to/Aletheia RCS?
4. Per quanto tempo sei rimast* in Grecia?
5. Di che progetto/i hai fatto parte?
6. Cosa ti ha spint* a partire?
7. Senti di aver sperimentato un sentimento di solidarietà verso l'altro durante la tua esperienza?
8. Se sì, cosa significa per te essere/essere stat* solidale?
9. Se no, sai dire perché?
10. Durante l'esperienza in Grecia, che tipo di rapporto ti sembra di aver instaurato con le persone che frequentavano i centri?
11. Che tipo di impatto credi abbia/no il/i progetto/i di cui hai fatto parte nella vita delle persone in movimento?
12. Pensi ci possano essere anche degli effetti negativi? Quali?
13. In caso volessi aggiungere qualche osservazione o darmi dei consigli riguardo il tema della solidarietà con i richiedenti asilo, aggiungili di seguito.

BIBLIOGRAFIA

- Agustín, Ó. G., & Jørgensen, M. B. (2019). *Solidarity and the "Refugee Crisis" in Europe*. Cham: Springer International publishing
- Ambrosini, M. (2022). "Humanitarian Help and Refugees: De-Bordering solidarity as a contentious issue" in *Journal of Immigrant & Refugee Studies*. DOI: 10.1080/15562948.2022.2059823
- Balcani, R. a. (2020). "The Balkan Route" in *Balkans dossier*
- Bauman, Z. (2001). *Dentro la globalizzazione*. Traduzione di Pesce, O. Roma-Bari: Laterza
- Bonapace, W. (2022). "La nuova rotta balcanica e la disfatta dell'Europa" In Coccia, B., & Ricci, A., *Ospiti indesiderati. Il diritto d'asilo a 70 anni dalla Convenzione Onu sui rifugiati*. Roma: The Factory
- Cantant, C. (2018). *The politics of refugee solidarity in Greece- Bordered identities and political mobilization*. Budapest: CEU Center for Policy Studies
- Coccia, B., & Ricci, A. (2022). "I (primi) 70 anni della Convenzione di Ginevra". In Coccia, B. & Ricci, A., *Ospiti indesiderati. Il diritto d'asilo a 70 anni dalla Convenzione Onu sui rifugiati*. Roma: The Factory.
- Dei, F. (2015). "Culture e pratiche del dono e della solidarietà". In Salvati M., & Sciolla L. *L'Italia e le sue regioni: l'età repubblicana. Vol. IV. Società*
- Demaio, G. (2022). "Dalla criminalizzazione dei migranti a quella della società civile: il lento declino del diritto d'asilo e dell'umanità". In Coccia, B. & Ricci, A. *Ospiti indesiderati. Il diritto d'asilo a 70 anni dalla Convenzione Onu sui rifugiati*. Roma: The Factory.
- Denekos, S. N., Koutsoukis, N.-S., Fakiolas, E. T., Konstantopoulos, I., & Rachaniotis, N. P. (2021). "Siting refugee camps in mainland Greece using geographic information systems-based multi-criteria decision-making". In *Journal of Humanitarian Logistics ad supply chain Management*
- Fotaki, M. (2022). "Solidarity in crisis? Community responses to refugees and forced migrants in the Greek islands". In *Organization*
- Harrell-Bond, B. (2013). "L'esperienza dei rifugiati in quanto beneficiari d'aiuto*". In Fabietti U. *Antropologia(5)*. Roma: Meltemi
- Jørgensen, M.B., & Agustín, Ó.G. (2015). "The Politics of Dissent." In *Politics of Dissent*, di Jørgensen M.B., & Agustín Ó.G., Frankfurt am Main: Peter Lang
- Khosravi, S. (2019). *Io sono confine*. Traduzione di Cantoni, E. Milano: Elèuthera
- Malkki, L. H. (2015). *The need to help: The domestic arts of international humanitarianism*. Durham: Duke University Press
- Mauss, M. (1925), *The Gift*. New York: Free Press

- Rahola, F. (2005). "Rappresentare "gli spazi del fuori". Note per un'etnografia dei campi profughi". In Fabietti U. *Antropologia*(5). Roma: Meltemi
- Rozakou, K. (2012). " The biopolitics of hospitality in Greece: Humanitarianism and the management of refugees". In *American Ethnologist*, Vol. 39, No. 3.
- Rozakou, K. (2016). "Sociality of solidarity: revisiting the gift taboo in times of crisis". In *Social Anthropology: Volume 24, Issue 2*
- Rozakou, K. (2017). "The blurred Boundaries of Humanitarianism in Greece". In *Etnofoor*
- Schmidt, D., & Palutan, G. (2022). *Narrazioni tra agency mobilità e dono. Oltre il tempo dell'attesa dei rifugiati alla 'periferia' di Roma*. Padova: Cleup sc
- Totaro, F. (2001). "Sulla solidarietà: una riflessione critica". In *Etica & Politica / Ethics & Politics III*, 2. Trieste: EUT Edizioni Università di Trieste

SITOGRAFIA

<https://aletheiarcs.org/>

<https://www.ansa.it/ansamed/it/notizie/stati/turchia/2023/01/20/>

<https://asylumineurope.org/>

<https://www.frontex.europa.eu/>

<https://migration.gov.gr/en/>

<https://greece.iom.int/>

<https://www.meltingpot.org/2019/07/>

<https://www.lavoro.gov.it/>

<https://www.onebridgeto.com/>

<https://www.open.online/2020/10/07/>

<https://network23.org/prosfigika-community/prosfigika-welcome/>

<https://greece.refugee.info/>

<https://www.thenewhumanitarian.org/feature/2018/09/20/>

<https://www.unhcr.org/countries/greece>

<https://www.ohchr.org/en/>

<https://www.vasilikamoon.org/>

RINGRAZIAMENTI

Ci sono disturbi subdoli perché si manifestano in una forma invisibile agli occhi e, proprio per tale peculiarità, sono difficili da analizzare e da comprendere, soprattutto dall'esterno. Il disturbo d'ansia è uno tra questi ed è stato un mio fedele compagno negli ultimi quattro anni. Tutti proviamo ansia, è vero, ma non tutti la proviamo con la stessa intensità, negli stessi contesti e soprattutto non tutti siamo in grado di gestirla allo stesso modo. Ci sono giorni in cui non si riesce a mangiare, a dormire, a smettere di pensare; giorni in cui frequentare gli ambienti e le persone che ci hanno sempre fatto stare bene diventa un enorme peso, perché ci si sente sbagliati e sommersi dall'incontrollabile flusso di pensieri che scorre nella propria mente. Ci sono giorni in cui l'ansia arriva e devi trovare un modo per combattere contro te stesso per farla tacere e per tentare di continuare a vivere una vita ordinaria. Una dura verità è che non sempre ci si riesce, ed è proprio qui che voglio arrivare, perché sento di dover innanzitutto ringraziare tutti coloro che hanno saputo supportarmi in questi anni, quando io ero la prima a non riuscire a farlo. Un grande grazie a chi, pur non comprendendo il mio dolore, ha saputo starmi accanto, talvolta anche in silenzio. In queste situazioni, infatti, le parole, quando usate a sproposito, rischiano di essere superflue e dolorose.

In particolare, è doveroso un immenso grazie ai miei genitori, perché i vostri insegnamenti e il vostro esempio mi hanno reso la persona che sono; perché senza i vostri sacrifici e sforzi non sarei mai riuscita ad intraprendere un percorso universitario; perché mi avete sempre sostenuta e avete sempre accettato le mie decisioni, nonostante talvolta andassero controcorrente e infine un grande grazie per avermi dimostrato tutto il vostro supporto, anche con piccoli gesti, in questi anni tanto belli quanto complicati. Sono qui per dirvi che ce l'abbiamo fatta!

Poi un ringraziamento speciale va a Tommaso, una costante di questi ultimi anni. Sei entrato nella mia vita per caso, tra l'altro grazie all'università, e sei stato stravolgente. Un amico prima di tutto, un confidente, una spalla su cui piangere, un punto fermo nei momenti di gioia, ma anche in quelli difficili. Sei stato la parte razionale della mia mente quando io faticavo ad usarla; hai compreso ed accettato i miei limiti, hai creduto in me quando io proprio non riuscivo a farlo e, con la tua solita tranquillità, mi hai accompagnata ad affrontare le sfide più dure di questo percorso.

Totalmente diversi, ma complementari e questa è la nostra forza.

In conclusione un doveroso ringraziamento va anche alla vita, perché mi sento estremamente fortunata: sono in salute, circondata da amore e sono nata in una parte del mondo privilegiata che mi ha offerto prospettive di vita dignitose; perché alla fine la differenza è solo questa: siamo tutti esseri umani, alcuni con la fortuna di essere nati in luoghi più favorevoli e meno complicati di altri.